

Dedicatória

Aos meus pais

Aos meus irmãos

Ao meu Namorado

Agradecimentos

Nesta hora, para mim talvez a mais jubilosa, não podia deixar de testemunhar o meu profundo reconhecimento que significa o quanto me sinto reconhecida pela forma como todos vós de uma ou de outra forma, contribuíram positivamente para que eu alcançasse os meus verdadeiros desígnios.

Sendo assim quero deixar aqui expressos os meus agradecimentos: À professora e orientadora Doutora Helena Simões; à professora e coorientadora Mestre Helena Horta; à educadora cooperante; à auxiliar de ação educativa do grupo de crianças em estudo; às crianças que participaram neste projeto; a toda a instituição que permitiu a realização do projeto; à minha colega de estágio Ana Filipa Faria; aos meus pais; aos meus irmãos; e ao meu namorado.

Resumo

O presente relatório salienta a relevância do desenho infantil como instrumento que permite à educadora o acesso aos problemas da esfera emocional que a criança não consegue ainda exprimir pela linguagem oral.

Após situar a prática de ensino supervisionada, caracterizando a instituição, o contexto, a sala de atividades, o projeto educativo, as rotinas diárias e as particularidades do grupo, perspetivou-se o desenho enquanto abordagem projetiva que expressa as principais preocupações da criança e a sua respetiva esfera conflitual.

A recolha das produções gráficas foi complementada por uma prova projetiva adequada à idade dos sujeitos, pedindo-se-lhes que criassem uma história, posteriormente desenhada, face a uma gravura evocativa de temas como a oralidade e a dependência, mas suscetível de evocar outros, como a relação com o adulto e com as outras crianças, destacando eventuais indícios de perturbação no desenho da criança e na narrativa que a este propósito produz.

Palavras-chave: Desenho infantil, provas projetivas, desenvolvimento afetivo, educação pré-escolar, prática de ensino supervisionada

Abstract

In this report we looked at the importance of children's drawing to the kindergarten teacher, as a tool to access the main emotional problems, which the child cannot yet directly express through language. So, we place educational intervention in context of pre-school education, particularly in regard to educational project, curriculum design and children's group peculiarities.

It was also important to foresee drawing as a projective approach that allows us to know children's major concerns understanding how his associated conflictual sphere is expressed through graphical representations.

Children's drawings were associated with a projective test, appropriate to the age of the subjects, who show their response to an image connected with the oral sphere and dependence, but likely to evoke other themes. Thus, a picture was presented and children were asked to create a story, and subsequently to draw this story freely, in order to relate children's problems with their productions.

Keywords: Children's drawings, projective tests, children's emotional development, early childhood education, supervised teaching practice

Índice geral

Dedicatória	i
Agradecimentos	ii
Resumo	iii
Abstract	iv
Índice Geral	v
Índice de Imagens	vii
Índice de Tabelas	viii
Índice de Quadros	ix
Introdução	10
Capítulo I. Contextualização da Prática de Ensino Supervisionada	10
1. Caracterização da cidade de Faro	12
2. Caracterização da instituição	12
2.1. Recursos humanos.....	14
2.2. Organização dos materiais do espaço exterior e interior da instituição	15
2.3. Organização e gestão das rotinas diárias	16
3. Caracterização do grupo de crianças	17
4. Enquadramento da temática em estudo	19
Capítulo II. Enquadramento Conceptual	22
1. Desenho infantil.....	22
1.1. Desenho da figura humana	23
1.2. Desenho da figura humana segundo Florence Goodenough (1957)	24
1.3. O desenho livre.....	26
1.4. Desenvolvimento do desenho infantil segundo a faixa etária	27
2. Métodos projetivos	28
2.1. Teste de Apercepção atemática	29
2.2. O uso dos desenhos e das técnicas projetivas para conhecer a criança.....	32
2.3. Interpretação e significado dos aspetos gerais dos desenhos	33
2.4. Significado dos aspetos gerais dos desenhos	33
2.5. Sinais comuns nos desenhos	36
Capítulo III. Metodologia	42
1. Introdução.....	39
2. Objetivos do estudo	39

3.	A natureza do estudo e opções metodológicas	39
3.1.	Contexto da investigação	39
3.2.	Questões de pesquisa.....	40
3.3.	Protagonistas do estudo	40
3.4.	Instrumentos e procedimentos da aplicação do teste	42
Capítulo IV.	Apresentação, interpretação e análise dos dados.....	49
1.	Apresentação das histórias e dos desenhos de cada criança.....	51
1.1.	Mário	51
1.2.	Alberto.....	56
1.3.	Gustavo.....	62
1.4.	Inês	68
1.5.	Maria	72
1.6.	Matilde	78
2.	Perspetiva conjunta dos dados.....	84
2.1	Análise conjunta das histórias.....	84
2.2.	Análises conjuntas dos desenhos ilustrativos das histórias.....	86
2.3.	Análise dos aspetos gerais da figura humana adulta dos desenhos das crianças do estudo, de acordo com o teste de Florence Goodenough (1957).....	91
3.	Interpretação dos dados de acordo com as questões de pesquisa.....	93
Considerações finais	97
Resultados do estudo	98
Contributos do estudo em termos pessoais e profissionais.....		99
Referências Bibliográficas	101

Índice de Imagens

Imagem 1 – Mapa da cidade de Faro.....	12
Imagem 2 – Children Apperception test.....	43
Imagem 3 – Mário	51
Imagem 4 – História do Mário	52
Imagem 5 – Desenho do Mário	54
Imagem 6 – Alberto.....	56
Imagem 7 – História do Alberto.....	57
Imagem 8– Desenho do Alberto.....	60
Imagem 9 – Gustavo.....	62
Imagem 10 – História do Gustavo.....	63
Imagem 11 – Desenho do Gustavo.....	66
Imagem 12 – Inês	68
Imagem 13 – História da Inês.....	68
Imagem 14 – Desenho da Inês.....	71
Imagem 15 – Maria.....	72
Imagem 16 – História da Maria.....	73
Imagem 17 – Desenho da Maria.....	76
Imagem 18 – Matilde.....	78
Imagem 19 – História da Matilde	79
Imagem 20 – Desenho da Matilde.....	82

Índice de tabelas

Tabela 1 – Dados individuais das crianças.....	41
Tabela 2 – Principais aspectos da história do Mário	53
Tabela 3 – Principais aspectos da história do Alberto.....	58
Tabela 4 – Principais aspectos da história do Gustavo.....	64
Tabela 5 – Principais aspectos da história da Inês.....	70
Tabela 6 – Principais aspectos da história da Maria.....	75
Tabela 7 – Principais aspectos da história da Matilde.....	80
Tabela 8 – Análise conjunta das histórias	84
Tabela 9 – Aspectos gerais dos desenhos.....	87
Tabela 10 – Aspectos do desenho da figura humana.....	89

Índice de quadros

Quadro 1 – Horários da instituição.....	14
Quadro 2 – Recursos humanos	14
Quadro 3 – Rotinas diárias	17
Quadro 4 – Idade e sexo das crianças.....	18
Quadro 5 – Teste da figura humana de Florence Goodenought (1957)	92

Introdução

O presente relatório surgiu no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada (PES) do mestrado em educação pré-escolar. O seu principal objetivo consistiu em focar a importância que o desenho infantil pode ter para a educadora de infância, enquanto instrumento que permite aceder aos principais problemas da esfera emocional, os quais a criança não consegue ainda exprimir diretamente através da linguagem.

Para a realização de qualquer tipo de investigação em educação temos de ter em conta que esta “ *engloba os processos de ensinar e aprender. É um fenómeno observado em qualquer sociedade e nos grupos constitutivos destas, responsável pela sua manutenção e perpetuação a partir da transposição, às gerações que se seguem, dos modos culturais de ser, estar e agir necessários à convivência e ao ajustamento de um membro no seu grupo ou sociedade. Enquanto processo de sociabilização, a educação é exercida nos diversos espaços de convívio social, seja para a adequação do indivíduo à sociedade, do indivíduo ao grupo ou dos grupos à sociedade*” (Wikipédia, 2011).

Neste sentido, como futura educadora, um dos meus desígnios prendeu-se com o objetivo de responder às necessidades das crianças desenvolvendo estratégias de ensino que visam: “aprender a aprender, bem como persistir no empenho de auxiliar os alunos a pensarem de forma crítica, contextualizando os temas” (Castro, 2009). Assim, é importante estar atenta a todos os sinais que as crianças nos possam transmitir das mais diversas formas, que nos possibilitem conhecê-la melhor, destacando-se neste caso muito em particular a importância do desenho infantil.

Apesar de ser ainda inexperiente no campo da educação, sei que a troca de experiências e a partilha de saberes com as crianças resultará num espaço de formação mútua, onde cada um desempenhará simultaneamente, o papel de formador e de formando e é nesse sentido que considerarei essencial procurar ensaiar modos que me permitam futuramente dar-lhes a palavra e ouvir o que têm para dizer apesar de ainda não conseguirem exprimir-se diretamente sobre os aspetos pessoais da sua vida.

Relativamente à estrutura do presente relatório, começou-se por fazer uma breve contextualização do jardim de infância onde decorreu a investigação, destacando o projeto educativo envolvente, a caracterização do meio, da instituição, do ambiente educativo da sala de atividades, das rotinas diárias, do projeto curricular de grupo e das características individuais do grupo de crianças. Numa segunda fase é feito um

enquadramento conceptual acerca do desenho infantil e dos métodos projetivos recorrendo aos principais referencias teóricos que suportam a investigação. Apresenta-se, em seguida, a metodologia de trabalho com a qual, a partir dos objetivos do estudo, foi estruturada a pesquisa, usando como fio condutor as questões de pesquisa enunciadas, escolhendo depois os instrumentos e os procedimentos a utilizar para esse efeito.

Por último, apresentam-se os resultados procurando equacionar de novo as questões de pesquisa de modo a que da análise e interpretação dos dados recolhidos torne possível extrair algumas ilações relevantes para a prática educativa no contexto da educação em idade pré-escolar.

Capítulo I. Contextualização da Prática de Ensino Supervisionada

1. Caracterização da cidade de Faro

O Jardim de Infância onde decorreu a investigação situa-se na cidade de Faro, que podemos observar na imagem 1. Esta cidade é a capital do distrito algarvio, “encontra a sua função, de capital do Algarve traduzida na expansão de diversos equipamentos regionais” (Projeto Educativo, 2010, p.8) nomeadamente uma universidade pública, um hospital central e um aeroporto internacional. Todavia, existem outras instituições que também são propícias ao seu desenvolvimento, tais como a Direção Regional de Agricultura, a Delegação Regional e o Ministério da Indústria e Energia, entre outras.



Imagem 1 – Mapa da cidade de Faro

É uma cidade rica em ofertas, tendo em conta designadamente, como refere o Projeto Educativo (2010, p.8) a “Ria Formosa, o Centro Histórico, a Universidade, diversos equipamentos coletivos, os serviços regionais, o Aeroporto Internacional, o comércio, entre outros”.

No que respeita à área que abrange a cidade de Faro, esta é de 201, 2 km² distribuída por seis freguesias. As freguesias da Sé, São Pedro, Conceição de Faro, Estoi, Montenegro e Santa Bárbara de Nexe, na sua totalidade com cerca de 60 000 habitantes.

2. Caracterização da instituição

A presente investigação decorreu num Jardim de Infância situado numa zona de fácil acessibilidade, perto do centro da cidade, com um grande número de focos habitacionais que por sua vez tornam a zona bastante movimentada, zona esta caracterizada por possuir uma diversificada rede de serviços, entre os quais os Correios, Telégrafos e Telefones (CTT), a Portugal Telecom (PT), a Administração Regional de Saúde (ARS), dependências Bancárias.

Este jardim de infância é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) que “funciona sem qualquer finalidade lucrativa, com personalidade jurídico-económica (...). Sendo uma IPSS tem como base a concessão de bens e prestação de serviços: apoio à criança, apoio à família, apoio a integração social e comunitária e apoio à educação dos cidadãos” (Projeto Educativo, 2010, p.9).

Esta instituição iniciou a sua atividade a 7 de Março de 1984, com apenas sete crianças, todavia só em Setembro do mesmo ano é que foi verdadeiramente inaugurada, com a lotação máxima de 40 crianças. Atualmente só funciona com a valência de jardim de infância e a sua lotação máxima é de 45 crianças.

Relativamente às parcerias, esta instituição tem-nas com a Câmara Municipal de Faro, a Associação Regional de Saúde, a Junta de Freguesia de São Pedro, a Polícia de Segurança Pública, os Bombeiros voluntários de Faro, a Biblioteca Municipal de Faro, o Centro de Ciência Viva, o Hospital Central de Faro, o Teatro Lethes e o Teatro das Figuras, a Associação Recreativa e Cultural do Algarve, a Cruz Vermelha Portuguesa e outras instituições de ensino privado e público.

É uma instituição pequena, conseqüentemente o seu espaço físico e os materiais têm vindo ao longo dos anos a ser adaptados às necessidades das crianças. Possui apenas três salas de arrumação, um vestiário, um escritório, duas casas de banho, um refeitório, um espaço exterior e duas salas de atividades: a sala dos 3, 4 anos e a dos 4,5 e 6 anos.

As crianças que frequentam esta instituição são, na sua grande maioria, de nacionalidade portuguesa, existindo porém algumas crianças de outras nacionalidades nomeadamente, crianças nascidas nos países do leste da Europa.

A população atual deste centro infantil reside na cidade de Faro, havendo, no entanto, algumas crianças a residir nas redondezas, nomeadamente em Estoi, na Conceição de Faro e em São Brás de Alportel. Algumas crianças residem no concelho de Olhão.

O Projeto Educativo (PE) da instituição, previamente designado, surgiu tendo em conta as necessidades das crianças. O tema central é “gostar de nós” que tem o intuito de abranger “o que de mais importante a educação pré-escolar contempla (...), a autoestima, o respeito por nós e por quem nos rodeia, o bem-estar, os valores e os princípios fundamentais, a autonomia, o desenvolvimento da identidade, [e] o respeito pela diferença” (PE, p.17). Este PE dá particular relevância aos problemas e situações em que é necessário agir.

No que respeita à avaliação, de acordo com o PE da instituição, é atribuído grande valor a este aspeto, considerando-o, uma mais-valia para a mesma, dado que permite perceber o modo como o projeto está a ser aplicado pelos intervenientes de ação educativa e também se é necessário corrigir alguma falha detetada de modo a que num próximo projeto possa ser corrigida.

Relativamente aos horários da instituição, como se pode ver no quadro 1 a instituição acolhe as crianças das 8h até às 18:30h, sendo que a componente letiva das 8:45h – 12h; 12:45h – 13:30h; 14:30h – 15:30h. O apoio à família realiza-se nas restantes 3:30h; sendo o acolhimento realizado das 8h às 9h e ocorrendo a saída entre as 16h e as 18h.

Horário	Manhã	Tarde
Componente Letiva	8:45h – 12h	14:30h – 15:30h
Acolhimento	8h – 9h	16h – 18h
Componente de Apoio à Família	8h – 8:45h	15.30h – 18:30h

Quadro 1 – Horários da instituição

2.1. Recursos humanos

O quadro que se segue mostra-nos uma perspetiva geral dos recursos humanos existentes na instituição.

	Cargo	Habilitações literárias
Direção	Presidente	12º
	Secretário	9º
	Tesoureiro	9º
Pessoal docente	Diretora pedagógica/ educadora de infância	Licenciatura
	Educadora de infância	Licenciatura
Pessoal não docente	Auxiliar de ação educativa	9º
	Auxiliar de ação educativa	9º
	Auxiliar de ação educativa	9º
	Funcionária administrativa	12º
	Funcionária de limpeza	9º
	Cozinheira	1º ciclo

Quadro 2 – Recursos humanos

De acordo com o PE da instituição e, observando o quadro 2 relativo aos recursos humanos, constata-se que a direção da instituição é composta por um presidente, um secretário e um tesoureiro. O pessoal docente existente inclui duas educadoras de infância, uma das quais ornamenta funções de diretora pedagógica. Relativamente ao pessoal não docente, existem três auxiliares de ação educativa, uma funcionária administrativa, uma auxiliar de limpeza e uma cozinheira.

2.2. Organização dos materiais do espaço exterior e interior da instituição

A organização dos espaços e dos materiais no jardim de infância deve ser feita tendo em conta as idades e as necessidades das crianças. Efetivamente uma organização adequada pode proporcionar às crianças, as mais diversas experiências motivadoras.

De acordo com as *Orientações Curriculares* (Ministério da Educação, 1997, p.37) “a organização e utilização do espaço são expressão das intenções educativas e da dinâmica do grupo, sendo indispensável que o educador se interrogue sobre a função e finalidade educativa dos materiais de modo a planear e fundamentar as razões dessa organização”. Ora, em congruência com estes princípios, ao longo do estágio, observei a forma como os materiais estavam dispostos e identifiquei quais os objetivos subjacentes ao facto de estarem expostos dessa maneira.

Foi para mim notória a necessidade que a educadora teve em conhecer bem o grupo de crianças, para adequar a organização dos materiais e do espaço às suas características. Porém, existem outros fatores que também influenciam essa organização, tais como, as dimensões existentes, os equipamentos, os materiais de que se dispõe no jardim de infância e os inerentes à realidade do local e à sua localização.

Da análise do tipo de materiais disponíveis e dos espaços existentes, ao longo de toda a prática, percebi a importância que a organização dos espaços e dos materiais tem no dia a dia das crianças e nas suas aprendizagens. Saber organizar o ambiente educativo permite que as crianças se sintam bem, que possam brincar e aprender e que consigam desenvolver todas as suas capacidades e beneficiar das diversas experiências de aprendizagem que lhes são proporcionadas.

O espaço exterior é de pequenas dimensões mas adequa-se ao número de crianças existentes no jardim de infância. É um espaço ao ar livre em que as crianças têm uma maior liberdade para brincar e para exercitar-se a nível motor. Nos momentos não orientados, as crianças inventam as suas próprias brincadeiras, desenvolvendo a

descoberta das suas capacidades de agilidade, destreza e domínio do corpo. É notório o esforço, por parte quer das crianças quer dos intervenientes de ação educativa, em manter o espaço organizado e preservado.

A sala de atividades é bastante ampla, o que permite que as crianças se possam mover livremente, conseguindo falar à vontade, utilizar os materiais disponíveis, explorar o meio circundante, resolver problemas e trabalhar, quer individualmente, quer em grupo. Os espaços da sala são muito atrativos e estão sempre bem organizados, fazendo com que as crianças se sintam bem, confortáveis e que possam explorar todos os materiais em condições de segurança. Os materiais são diversos e estão todos ao alcance das crianças para que estas possam usufruir deles sempre que desejarem. Além disso, o fácil acesso aos materiais e a organização dos espaços convida ao jogo e à brincadeira, possibilitando o encontro dos elementos de diferentes grupos, bem como o favorecimento do trabalho individual e o desenvolvimento de uma autonomia cada vez maior.

2.3. Organização e gestão das rotinas diárias

O tempo é um dos fatores que influencia bastante o dia a dia do ser humano, como consequência é importante que se saiba geri-lo adequadamente. Torna-se assim importante começar a aprender a gerir o tempo desde cedo para que essa gestão surja naturalmente.

“A previsibilidade da sequência dos tempos de rotina contribui para a segurança e independência da criança. A diferença entre as atividades que cada tempo proporciona contribui para a variedade de atividades e de experiências. A segurança e independência pessoais, em conjugação com as possibilidades educacionais diferenciadas de cada tempo, permitem escolhas, decisões, ações, tal como permitem diferentes tipos de interação e sustentam a comunicação” (Formosinho, 1998, p.72).

Na verdade, o tempo é um dos fatores que está sempre presente no dia a dia das crianças, cabendo ao educador ajudá-las na sua adequada gestão do tempo através de uma organização das rotinas diárias. É esta boa gestão das rotinas diárias que permite que a criança tenha a sensação de controlo, diferenciando de forma progressiva os diferentes momentos do dia, de modo a conseguir prever e antecipar o momento seguinte da sua ação. A criança cria uma certa sequência e planeia o que vai fazer subsequentemente, desenvolvendo o sentido de responsabilidade, adquirindo segurança

em si própria e sentimentos de competência que contribuem significativamente para a sua auto-estima.

Cabe ao educador ter consciência de que cada criança tem as suas necessidades individuais, pois existem ritmos diferentes. Efetivamente, durante a prática, foi notório o respeito pelo ritmo de cada criança que assim se sentia reconhecida e valorizada pela educadora.

De acordo com o PE da instituição, como se pode observar no quadro 3 relativo às rotinas, este grupo de crianças, para além das rotinas de atividades orientadas e momentos de higiene dispõe também de momentos para comunicar, para conversar entre si, para planear, para executar planos, participando nas atividades de grupo, brincando, comendo e descansando noutros momentos, não devendo nenhuns deles ser menosprezados, pois em todos eles se exerce a ação educativa.

Rotinas	Horário
Acolhimento	8h – 10h
Lanche da manhã	10h – 10:30h
Atividades orientadas	10:30h – 11:30h
Recreio	11:30h – 11:50h
Higiene	11:50h – 12h
Almoço	12h – 12:30h
Higiene oral	12:30h – 13h
Atividades livres	13:15h – 14:30h
Atividades orientadas (Inglês à 4 ^a e à 6 ^a)	14:30h – 15:30h
Higiene	15:30h – 16h
Lanche	16h – 16:30h
Atividades livres	16:30h – 17h
Prolongamento/ encerramento	17h – 18:30h

Quadro 3 – Rotinas diárias

3. Caracterização do grupo de crianças

O grupo de crianças com quem contactei durante a minha prática incluía crianças de 4,5 e 6 anos de idade, que passarei a descrever sucintamente dado que, de acordo com as *Orientações Curriculares para a educação pré-escolar* (Ministério da Educação, 1997, p.25) referem que é indispensável observar “*cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, recolher as informações*

sobre o contexto familiar e o meio em que as crianças vivem, são práticas necessárias para compreender melhor as características das crianças e adequar o processo educativo às suas necessidades”.

Idades	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
4 anos	4	4	8
5 anos	7	7	14
6 anos	2	2	4
	13	13	26

Quadro 4 – Idades e sexo das Crianças

Como se pode ver, após a leitura do quadro 4, relativo ao sexo e idade das crianças, o grupo era constituído por vinte e seis crianças, entre os quais treze meninas e treze meninos, com idades compreendidas entre os 4 e os 6 anos, constituindo assim um grupo heterogéneo do ponto de vista do nível etário, mais especificamente: quatro crianças tinham seis anos, catorze cinco anos e oito quatro anos, tendo a maioria das crianças cinco anos; no final do ano letivo (Agosto 2011) seis crianças já tinham seis anos e as restantes cinco anos de idade. Entre a criança mais velha e a mais nova da sala existia um ano e cinco meses de diferença.

No que respeita à nacionalidade das crianças, duas crianças tinham nacionalidade estrangeira e as restantes portuguesa. A maioria residia na cidade de Faro, havendo, no entanto algumas crianças que residiam nas redondezas, nomeadamente em Estoi, Conceição de Faro, São Brás de Alportel e Olhão.

Este grupo, na sua maioria, já tinha frequentado anteriormente este jardim de infância com exceção de sete das crianças que aí estavam inseridas pela primeira vez.

Numa análise geral, era um grupo muito calmo, atento, curioso e participativo e demonstravam muito interesse em desafios e em aprender novas coisas. A área em que mais gostavam de desenvolver atividades era a expressão plástica. O seu envolvimento nas atividades mostrava em geral um grande entusiasmo, pois não desistiam das atividades até que estas estivessem terminadas e estavam sempre prontos a ajudar tanto os adultos como as outras crianças.

Na sua maioria eram muito independentes, não necessitando de ajuda para as tarefas de higiene e alimentação; dominavam o seu comportamento no que correspondia

a todas as áreas e as exigências mínimas do jardim de infância nomeadamente no que concerne à organização dos espaços de trabalho e à organização das rotinas diárias.

No que respeita à organização do grupo, a educadora cooperante tinha sempre em conta as necessidades individuais de cada criança conciliando-as com as do grupo em geral, dando grande importância ao facto de o grupo ser heterogéneo e, como consequência, as crianças tinham níveis de autonomia bastante divergentes entre si. Para tal, utilizava diversos métodos de trabalho que variavam consoante a atividade e os objetivos que se pretendia atingir, consoante o objetivo de trabalho em pequeno grupo, em grande grupo, em pares ou conduzido individualmente. O trabalho em grupo era desenvolvido diariamente sendo também dado grande destaque ao trabalho individual e em pequenos grupos.

Os objetivos e estratégias do Projeto Curricular de Grupo (PCG) que a educadora pretendia adotar estavam de acordo com as Orientações Curriculares e procuravam envolver de modo equilibrado todas as áreas curriculares.

4. Enquadramento da temática em estudo

No decorrer da minha prática, um dos aspetos que considerei mais importante foi a necessidade de compreender as crianças individualmente para conseguir entender melhor o seu desenvolvimento pessoal.

Neste enquadramento, reforcei a minha ideia prévia de que na base de toda a relação e de toda a partilha com as crianças está a necessidade de se criar laços com elas, estabelecendo relações afetivas, carinhosas, tolerantes, flexíveis e abertas.

Para tal, considero que não nos podemos limitar a observar o grupo de crianças em geral, mas devemos ter também em conta as necessidades individuais de cada criança, observando-as para perceber as suas particularidades e o seu ritmo de desenvolvimento. Este é um dos aspetos que merece maior destaque no dia a dia de um educador de infância pois fundamenta os pressupostos da comunicação que se pode estabelecer entre ele e as crianças.

É neste enquadramento que defendo que cabe ao educador estar atento ao mais ínfimo pormenor que estas possam transmitir pois na maioria dos casos, e tendo em conta as idades, não transmitem o seu mal-estar pela linguagem verbal, transmitem-no muitas vezes através do seu comportamento e através de outras formas de expressão como o jogo, o desenho ou através dos seus comentários acerca das histórias que lhes

contamos e que elas reinterpretam à sua maneira, em função das suas vivências pessoais.

Deve-se ter uma mente aberta, atendendo às particularidades das crianças, proporcionando-lhes diversas experiências educativas nas diferentes áreas curriculares, em função das suas características e motivações diferenciadas.

Essas experiências passam nomeadamente pelo uso de diversos materiais e de tecnologias de informação e comunicação, tendo sempre em conta a abordagem dos conteúdos de formação pessoal e social. Temos de ter em conta que atos “aparentemente simples como o de escrever, assinar, desenhar uma pessoa ou uma estrada: tudo isto são atividades do (...) [dia a dia] mas em todas sugerem perguntas interessantes sobre a natureza das crianças, a natureza da habilidade, a natureza do significado (Goodnow, 1977, p.7) ”.

Os educadores “devem (...) esforçar-se por encontrar os seus modos próprios de intervir, dado que, independentemente do que saibam sobre o ensino, os alunos, os conteúdos ou as estratégias de aprendizagem, têm de actuar contextualizando, conciliando a reflexão crítica e a acção, guiados, sobretudo, pelos seus julgamentos intuitivos, processo esse sempre inacabado e que vai evoluindo ao longo do tempo” (Simões, H. e Simões, C. (1999), p.9).

Para conseguir chegar aos sentimentos e aos pensamentos das crianças podemos também socorrer-nos de diversas outras estratégias, nomeadamente, utilizar alguns métodos psicológicos que procuram incitar a criança a transmitir-nos os seus sentimentos e as suas preocupações, através da sua identificação com uma personagem determinada de uma história. No decurso das atividades do dia a dia das crianças em jardim de infância é possível ao educador estar atento às formas de expressão das crianças que não se lhe dirige diretamente mas que, por exemplo durante os seus jogos, quando faz os seus desenhos e no momento em que lhe contamos histórias, se exprime e nos transmite aquilo que a preocupa, por exemplo quando produz os seus comentários ao que vai dizendo, quando brinca, desenha ou quando introduz aspetos pessoais no enredo de uma história que lhe contamos.

A necessidade que me levou a querer explorar este tema surgiu devido à minha relação e ligação anterior com a pintura. Paixão esta explorada em formações anteriores num curso de artes, no qual um dos principais objetivos quando se observa ou analisa uma obra, neste caso um desenho, é o seu significado: a necessidade de compreender o artista, os sentimentos expressos na obra, o estado da alma, a inspiração que o levou a

criar, entre outros. Encontrei aqui nesta minha preparação profissional, como futura educadora de infância, uma oportunidade para explorar, através dos desenhos e das histórias, os principais problemas da esfera emocional que a criança, em idade pré-escolar, pode transmitir.

Outro motivo que me levou à exploração desta temática foi a necessidade e o gosto que o grupo de crianças mostrava constantemente para produzir desenhos livres e orientados. Para o entender melhor considerei importante perspetivar o desenho infantil não só situando as produções das crianças em termos do que é típico da sua faixa etária mas também enquanto expressão projetiva das suas vivências, e que permite conhecer as principais preocupações de cada criança e o modo como a respetiva esfera conflitual que se lhes associa se exprime através da sua representação gráfica.

Na minha prática, o desenho e as histórias também estiveram sempre muito presentes no dia a dia das crianças, pois tanto a educadora como nós, as estagiárias, procurámos sempre que estas duas abordagens fossem exploradas, não só pelo facto de serem das atividades que este grupo se sentia mais motivado em desenvolver, como também por nos permitirem explorar as diversas áreas de conteúdo. Este foi um dos fatores que me motivou a escolher a temática do desenho infantil na sua dimensão de expressão das preocupações e particularidades da criança.

1. Desenho infantil

Desde os tempos antigos, que o ser humano se exprime através do desenho, nele podemos identificar sentimentos de medo, anseios, alegrias, tristezas. Servindo de meio que permite que o indivíduo comunique aquilo que pensa e aquilo que vive.

Esta forma de se exprimir pode observar-se não só nos adultos mas também nas crianças pois, a partir dos três anos de idade, a criança já tenta desenhar de acordo com a sua realidade e da perceção que vai formando acerca delas, cabendo aos educadores procurar compreender o que as crianças querem transmitir através de um simples desenho.

Desde cedo que, as crianças começam a mostrar grande apetência para desenhar. De facto, entre 2 e 3 anos de idade, embora a criança ainda não faça desenhos com intenção representativa, empreende com gosto esta atividade que mais se reforça quando, a partir de três anos de idade já tenta desenhar com a intenção de representar alguma coisa.

Com o tempo e através de diversas experiências, a criança vai evoluindo e começa a diferenciar os seus traços, os quais passam a ser leves, ou fortes, pequenos ou compridos, manifestando a sua individualidade. É nesta fase que a criança começa a ter noção dos movimentos e dos vestígios que a sua ação pode produzir, no papel, bem como do seu poder de expressão de ideias e sentimentos.

Segundo Luquet (1979, p.135) um “desenho é um conjunto de traços cuja execução foi determinada pela intenção de representar um objeto real” deixando assim de ser uma cópia da realidade e constituindo uma hipótese sobre a realidade no seu encontro com o mundo, ou seja, passa a ser a expressão do conhecimento sobre a realidade da criança pois mais do que o adulto mesmo quando este é artista, não desenha o que vê mas o que sabe. É por isso que algumas aparentes particularidades e imperfeições surgem no seu desenho; por exemplo, se ela desenha uma mesa com quatro pernas ou um carro com quatro rodas, ela pode representar esse número de elementos rebatidos ou incorretamente colocados porque sabe que deviam lá estar embora daquele ângulo não se vissem.

Através do desenho de uma criança pode-se descobrir e reconhecer as suas características em termos de personalidade e as fases pelas quais a criança está a passar. Assim e considerando os desenhos das crianças como algo que a criança procura dar significado, pode-se afirmar que estes constituem um modo de expressão artística da

criança, consciente ou inconsciente através da qual comunica. Muitas vezes nessa comunicação transmite aquilo que está a pensar ou o que quer dizer, o que muitas vezes não consegue fazer através de uma simples conversa. Assim, a linguagem através do desenho é uma temática muito importante a ter em conta, pois permite aos educadores compreender aquilo que as crianças querem transmitir e que não conseguem comunicar de outro modo.

Além do desenho traduzir essa expressão comunicativa, tem sido utilizado para ajudar a identificar diferenças individuais em áreas como o desenvolvimento cognitivo, da personalidade ou da construção do esquema corporal da criança em idade pré-escolar, o que ainda reforça mais a sua importância como instrumento privilegiado para que o educador melhor conheça cada criança.

1.1.Desenho da figura humana

O desenho da figura humana é um dos temas preferidos nos desenhos das crianças, tanto em idade pré-escolar como na adolescência. Através do desenho da figura humana podemos observar o modo como a criança se vê a si mesma e como encara os outros seres humanos significativos do seu mundo pessoal.

De entre as produções gráficas através das quais se exprime a criança em idade pré-escolar, destaca-se a da representação da figura humana que tem sido amplamente estudada, fornecendo-nos dados sobre a sua personalidade, nível de desenvolvimento cognitivo, eventuais dificuldades ao nível da relação e da própria construção da sua imagem corporal como parte integrante da construção da sua identidade, aspeto tão importante nesta fase da vida.

A imagem corporal é a “representação que formamos mentalmente (...) [sobre o nosso] próprio corpo, isto é, a forma como ele nos aparece mentalmente” (Kolck, 1984, p.13), que consiste na imagem tridimensional que todas as pessoas têm de si próprias. Esta “pode ser chamada também [de] esquema corporal, ou modelo postural do corpo. Provém dos sentidos, porém a sua representação não é fácil, apesar do sujeito ter «quadros de representação mentais» (Schilder, 1958, p.14) muito explícitos.

A imagem corporal envolve aspetos como a satisfação ou insatisfação com as várias partes e processos do corpo ou sentimentos que o indivíduo liga às íntimas relações com os movimentos ou motricidade geral e relaciona-se com o modelo postural dos outros. Consiste num sistema de ideias e sentimentos que o indivíduo tem da sua estrutura física. Refere-se ao corpo como experiência psicológica e evidencia as atitudes

e sentimentos do indivíduo para com o seu próprio corpo. Foca as experiências subjetivas com o corpo e a maneira como foram organizadas.

Cada um elabora a imagem do seu corpo à sua própria maneira, acentuando as diferentes partes em função dos mecanismos da sua personalidade e de toda a sua vivência passada e presente. “A imagem corporal não é apenas consciente; é constituída muito na base do corpo do outro (...) nesse processo, em geral predominam elementos visuais, mas a imagem do outro não está ligada somente à sua aparência física, mas parcialmente à qualidade de nosso relacionamento com ele” (Kolck, 1984, p. 15).

A construção e o desenvolvimento da imagem corporal podem ser influenciados pelos seguintes fatores: sensações através de experiências óticas, tácteis, auditivas, olfativas e de dor, irritações, motricidade voluntária e involuntária e as reações afetivo-emocionais e libidinais.

O desenho muitas vezes constitui também um reflexo daquilo que a pessoa gosta ou não gosta ou a expressão de sentimentos antagónicos em face do mesmo objetivo; pode igualmente traduzir a demonstração de uma atitude para com alguém que lhe é chegado, como o pai, a mãe ou um irmão ou ainda a imagem ideal do que gostamos de ser, assim como traduz os principais hábitos e rotinas a que a criança está exposta bem como a expressão emocional de sentimentos e atitudes para com a vida e a sociedade em geral.

Quando um sujeito desenha uma pessoa, utiliza todas as imagens de si próprio e das imagens mentais de outras pessoas. De facto, imagem corporal é o produto de experiências, identificações, projeções e interrogações, estando intimamente ligada ao eu em todas as suas ramificações.

É necessário ter em conta que a imagem mental que cada sujeito tem de si próprio é muitas vezes influenciada pelo que os outros vêm das pessoas em geral. Muitas vezes somos influenciados pela sociedade a nível de exigência da perfeição da nossa imagem, assim esta influência vai-se refletir na nossa imagem mental.

1.2. Desenho da figura humana segundo Florence Goodenough (1957)

Surgiram ao longo dos tempos vários testes que procuram ajudar a compreender o desenvolvimento da figura humana. Os desenhos foram inicialmente utilizados para avaliar a criatividade e a maturidade intelectual, continuando este último aspeto a ser muito atual até ao momento presente. Foi Goodenough (1926, 1931) quem primeiro se

desenvolveu na abordagem estandardizada para avaliar a inteligência da criança a partir do desenho da figura humana, com base na atribuição de pontos a características dos detalhes do desenho que seriam típicos nas várias idades cronológicas. Esta técnica foi atualizada em 1963 por Harris.

O teste da figura humana de Florence Goodenough (1957) foi elaborado no início do século XX e publicada em 1926, tinha como principal objetivo examinar os pormenores, desenhados pelas crianças, no desenho da figura humana como medida de avaliação do desenvolvimento mental. Este teste foi desenvolvido com crianças entre os três e os treze anos de idade.

Embora não seja fiável como teste de inteligência, como era intenção da sua autora, fornece-nos dados importantes.

Pretendia ser um teste de inteligência pelo facto de avaliar a maturidade intelectual da criança. Por outro lado, se tivermos em conta que as crianças através do desenho expressam as suas necessidades, emoções e algumas características da sua personalidade, podemos encarar esta prova como sendo projetiva.

Na realização deste teste, é pedido às crianças que desenhem o homem o mais perfeito possível a fim de que depois esse desenho possa ser avaliado em função de um conjunto de aspetos pré-determinados. Avalia-se o desenho, a qualidade e o mínimo de pormenores adequados dos que a criança vai conseguindo representar e assim, considera-se melhor o desenho da figura humana que tiver o maior número de elementos representados e a melhor forma de ligação entre esses elementos.

Goodenough (1957) avalia o desenho segundo 51 itens: presença da cabeça, das pernas, dos braços, e do tronco; altura do tronco superior à largura; ombros nitidamente indicados; braços e pernas ligados a qualquer lugar do tronco; braços e pernas corretamente ligados ao tronco; presença do pescoço; contorno do pescoço; presença dos olhos, do nariz, da boca; boca e nariz representados a duas dimensões; presença das narinas e cabelos; cabelos bem colocados dentro das cabeças; presença de vestuário e de duas peças de vestuário (chapéu e calças, por exemplo); desenho completo do vestuário; quatro peças do vestuário nitidamente representados; vestuário completo; presença dos dedos, número de dedos correto; detalhes dos dedos corretos; oponibilidade do polegar; mão distinta dos dedos e dos braços; ligação/articulação dos braços e das pernas correta; proporção da cabeça, dos braços, das pernas e dos pés correta; braços e pernas representados a duas dimensões; presença do calcanhar; boa coordenação do desenho e do contorno geral das articulações, da cabeça, do tronco, dos braços e das pernas e das

partes da cabeça; presença das orelhas; proporção das orelhas correta; detalhes dos olhos; presença da pupila; proporção do olho correta; posição do olhar; presença do queixo e da testa; relevo do queixo; perfil e silhueta.

A representação de cada item vale um ponto e a soma desses pontos corresponde à qualidade do desenho e segundo Goodenough, pode ser convertido numa idade mental, fornecendo um quociente intelectual se o relacionarmos com a idade cronológica do sujeito do estudo que desenhou.

É de realçar que à medida que a criança se vai desenvolvendo adquire um melhor conhecimento sobre o esquema corporal, o que possibilitará que desenhe com maiores pormenores e acrescente mais elementos que a tornarão cada vez mais apta e precisa na estruturação do desenho.

O uso do teste da figura humana de Florence Goodenough (1957) embora seja uma técnica fácil de utilizar não pode interpretar estes dados de forma tão estruída como pretendia a autora, pois quando a criança não desenha como seria de esperar para a sua idade, numerosos fatores podem ter interferido, nomeadamente os de ordem projetiva.

1.3.O desenho livre

Os desenhos livres são as produções gráficas realizadas sem que seja especificado o tema que devem seguir por parte do adulto ou por iniciativa da própria criança. Note-se que um desenho que é solicitado mesmo sem tema tem de ser visto num contexto diferente daqueles que são elaborados por iniciativa própria. Um desenho solicitado é livre em termos de escolha do tema e do processo de realização, mas ao mesmo tempo é controlado, na medida em que o local é escolhido e o material é imposto.

É interessante identificarmos alguns dos aspetos formais do desenho livre aos quais têm sido atribuídos significados que a criança nos transmitiria e que não consegue comunicar verbalmente. Assim, a predominância de linhas retas, curvas ou ângulos tem sido ligada à introversão; por oposição as linhas retas com ângulos representam maior agressividade, espírito crítico, segurança e assertividade.

Correções e retoques no desenho demonstram insegurança e é necessário ver se estão muito presentes no desenho e se foram elaborados com a borracha ou se há sobreposição de traços ou zonas riscadas. Se existirem significam que existe

insatisfação e por vezes perfeccionismo ou receio de ser criticado. Por vezes, a área rasurada denota alguma conflitualidade a ela associada.

Por outro lado, a resistência a desenhar, a negação face à tarefa que foi proposta e o não acabamento do desenho demonstram atitudes negativas ou de oposição que devem ser compreendidas e valorizadas. No caso de haver apenas resistência em desenhar uma parte do desenho, isso pode exprimir conflito em relação ao aspeto a representar graficamente.

Quanto à rigidez da representação, quer nos temas quer na monotonia das formas gráficas usadas, parece obedecer a um esquema determinado pela estrutura do objeto ou da situação representada, demonstra insegurança e pode evidenciar a necessidade de uma ordenação rígida do mundo exterior. Todos estes aspetos mais nítidos no desenho do adolescente ou do adulto são menos evidentes no da criança pequena.

Os detalhes do desenho na criança em idade pré-escolar ligam-se sobretudo com o seu nível de desenvolvimento global psicomotor e intelectual mas a presença de detalhes novos ou a omissão dos habitualmente representados nessa faixa etária deve ser sempre valorizada.

Também a cor utilizada nos diz alguma coisa sobre a personalidade da criança que desenha, pois esta vai usar a cor com que mais se identifica no momento. Por exemplo: as cores sombrias são com frequência sinais de tristeza, de inquietação ou de oposição; as cores sujas, como certos amarelos e os diferentes castanhos podem ser sinal de regressão, de má adaptação com imaturidade afetiva; o preto pode significar medo, angústia, depressão, mas também testemunha uma certa riqueza interior; o azul, traduz harmonia ou um certo conformismo; o verde pode expressar oposição ou tensão afetiva.

1.4. Desenvolvimento do desenho infantil segundo a faixa etária

De acordo com Lowenfeld e Brittain (1997), a evolução da representação gráfica da criança passa por várias etapas: a das garatujas, a pré-esquemática, esquemática, realismo e pseudonaturalismo. Tendo em conta que o grupo em estudo tem as idades compreendidas entre os 5 e os 6 anos de idade, tendencialmente estas crianças devem encontrar-se na etapa pré-esquemática (dos 4 aos 7 anos), fase em que os desenhos produzidos pelas crianças são fruto de uma evolução das linhas circulares que ganham formas reconhecíveis. Nesta etapa em geral, a figura humana é representada através de

um círculo, que simboliza a cabeça e são traçadas duas linhas verticais que são as pernas. A criança sente-se atraída pelo desenho e consegue concentrar-se na tarefa durante cerca de meia hora; Começa a esquematizar os seus desenhos e começa a tentar refletir algo. Destaca-se o interesse que começa a sentir pela figura humana.

Por outro lado, Luquet (1979) defende que a evolução do desenho infantil passa por três fases: a do realismo fortuito, a do realismo falhado e a do realismo intencional. As crianças do estudo encontram-se tendencialmente na fase do realismo intencional, em que as crianças se apercebem que os desenhos dos adultos representam objetos, tentam imitá-los e começam a desenhar com intenção representativa; destacam-se nesta fase: os pormenores do desenho que se podem confundir; a transparência dos objetos que é representada nos objetos que se tornam transparentes, permitindo ver através deles o que está por detrás; o rebatimento que se aplica sobretudo nos suportes dos objetos, como por exemplo os pés dos animais que são rebatidos de cada lado do corpo como se estivessem unidos por um eixo, à volta do qual se poderia fazê-los girar; e a existência de perspetiva.

2. Métodos projetivos

De entre as formas utilizadas para esse efeito, em Psicologia, são sobretudo os chamados métodos projetivos que nos permitem obter um importante contributo no sentido de dispor a informação necessária ao trabalho com as crianças em contexto de educação de infância.

No âmbito da Psicologia, projeção é *“um processo inconsciente pelo qual um indivíduo atribui certos pensamentos, atitudes, emoções ou características a outras pessoas, ou certas características a objetos do ambiente que o rodeia; atribui as próprias necessidades a outros indivíduos do seu meio; ou extrai inferências incorretas duma experiência”* (Freeman, 1990, p.668).

Os testes projetivos apresentam ao indivíduo uma situação estímulo, dando-lhe a oportunidade de lhe atribuir as próprias necessidades íntimas e as suas perceções e interpretações particulares. De facto, destinam-se a provocar respostas que demonstrem a estrutura da personalidade do sujeito, os sentimentos, valores, motivos e que são modos característicos de reagir do indivíduo que são acessíveis de um modo indireto através da interpretação daquilo que este por vezes revela mesmo involuntariamente.

Neste sentido, os testes projetivos não são estruturados, sendo apenas dadas instruções gerais para que haja diversidade e flexibilidade nas respostas, assumindo-se que as respostas que o sujeito fornece, em si, não são corretas nem incorretas mas interpretações e criações do indivíduo, aceitáveis por isso independentemente da forma e da qualidade que assumam.

Os testes projetivos incentivam a respostas que não envolvem só fatores relacionados com o que é presente aos sentidos e a que se dá um significado, mas também sentimentos acerca do que lá está. Este tipo de prova proporciona a oportunidade para expressar as diferenças individuais da percepção pois “cada individuo vê o que ele próprio está inclinado a ver e faz o que está pessoalmente inclinado a fazer”(Freeman, 1990, p.669).

Consequentemente, de entre os testes projetivos que permitem chegar à criança nesta faixa etária, pareceu-me adequado pôr a criança em contacto com algo que lhe é muito habitual: figuras como as das histórias que habitualmente lhe contamos, ouvindo-a e encorajando-a a dar a sua perspectiva sobre o que está ali a acontecer. Nesse sentido, optei por destacar uma das imagens dum teste psicológico - O teste de apercepção para crianças (Children' Apperception Test - CAT) que consiste num método projetivo ou método aperceptivo de investigação da personalidade, que visa o estudo da significação dinâmica das diferenças individuais com base no relato de uma história de uma gravura, que é em tudo idêntica às ilustrativas das histórias infantis que lhes contamos.

A apresentação de imagens tem o intuito de provocar no sujeito respostas acerca das mais diversas situações íntimas. Tais como: problemas de alimentação; problemas acerca das relações familiares; agressividade; problemas de rivalidade com os irmãos; atitude para com as figuras parentais e o modo como são percecionadas. Permite ainda, conhecer a relação da criança com os pais como casal. Estas imagens procuram também despertar a fantasia da criança no que se refere à agressividade e ao mundo dos adultos, bem como evidenciar as suas formas de reagir e a de enfrentar os problemas do desenvolvimento.

2.1. Teste de Apercepção atemática

O CAT é uma extensão do Thematic Apperception Test de Morgan e Murray (1935) elaborado em 1949, adequado para crianças entre os três e os dez anos. A versão inicial consiste em dez gravuras de personagens animais existindo uma forma

alternativa com figuras humanas - O CAT-H, por curiosidade existe ainda na nova versão de 1991 para crianças muito jovens ou com deficiências cognitivas, com temas muito comuns como a separação dos pais, deficiência física e gravidez da mãe. As versões iniciais do CAT foram elaboradas partindo de pressupostos prévios acerca dos problemas, das situações e dos papéis que seriam mais relevantes para as crianças.

A administração desta prova é semelhante à do TAT (adultos): pede-se às crianças para inventarem histórias para cada gravura com princípio, meio e fim e para dizerem o que é que as personagens poderiam estar a pensar ou sentir, como acontece com a maior parte dos testes aplicados a crianças é importante que o observador tenha estabelecido uma boa relação com elas antes de apresentar o CAT.

A interpretação socorre-se da análise dos seguintes tópicos:

1. “Tema principal;
2. Herói principal;
3. Auto-imagem, principais necessidades e motivações do herói;
4. Concepção acerca do meio circundante;
5. O modo como as personagens são vistas e como se reage em relação a elas (por exemplo: apoiantes ou competitiva, punitivas);
6. Conflitos presentes;
7. Natureza das ansiedades infantis;
8. Defesas utilizadas;
9. Adequação do super-ego manifestado pelo castigo recebido por procedimentos incorretos;
10. Integração do ego manifestado pela capacidade de estabelecer compromissos entre as necessidades imediatas do sujeito e as condicionantes do meio” (Reynolds & Kamphaus, 2003, p.71).

Existem diversas pesquisas mais recentes sobre esta prova procurando nomeadamente ajudar ao diagnóstico diferencial de certas situações psicopatológicas na infância (Haworth, 1986, citado por Reynolds & Kamphaus, 2003, p.72).

Tentativas de sistematização psicométrica defendem a sua importância como “instrumento clínico para compreender a criança, parecendo ser difíceis associar-lhes um sistema de codificação estruturado empiricamente validável” (Kroon, Gondena, & Rispens, 1998, p.72).

Para a realização da minha investigação, escolhi a primeira gravura do teste de apercepção para crianças – CAT de Bellak e Bellak (1969). Este teste segundo estes

autores é aplicado através da apresentação de gravuras que *“representam situações capazes de suscitar histórias relativas a uma vasta problemática que abarca designadamente: a esfera alimentar ou oral em geral, a rivalidade fraterna, as atitudes face às figuras parentais e o modo como são apercecionadas; a relação da criança com os pais como casal ou a questão do complexo de Édipo que culmina a cena primitiva; a agressividade, aceitação pelo mundo adulto, o medo de estar só à noite, a masturbação, o comportamento excretor bem como o controlo e a reação dos pais a ele; a estrutura e defesas da criança, o modo de reagir e reduzir os problemas de crescimento”* (Silva, 1982, p. 38).

Para a realização do teste deve-se ter em atenção a idade da criança. Assim deverá ser-lhes dito que irá ser feito um jogo em que elas terão de contar histórias a respeito das figuras.

Nos vários estudos realizados por Bellak e Bellak (1969), as crianças identificaram: o tema principal como sendo a gratificação oral; o adulto é visto como sendo a mãe ou o pai, a maioria dos sujeitos em estudo sendo do sexo masculino ou feminino considera a figura adulta a mãe; o adulto não é visto como poderoso, simplesmente como velho; muitas vezes a figura do adulto é omissa; as três figuras pequenas são referidas em conjunto e como sendo do sexo masculino; nas principais ações os sujeitos identificam na história o medo do ataque, brincadeiras e mau comportamento; as figuras infantis são vistas como sendo atacadas e, neste caso, só raramente se voltam contra a figura maior, com intuito de retaliação; a reprimenda da figura adulta em relação às figuras infantis é uma temática muito frequente nos relatos das crianças; referir que as figuras infantis receberam um castigo por se portarem mal também é muito frequente, sendo o progenitor que normalmente aplica o castigo habitualmente do sexo oposto do sujeito; as figuras infantis raramente ajudam a figura adulta; os objetos que são mais mencionados nas histórias são: sopa ou outro alimento, mesa, colheres, pratos, tijelas babetes.

No que respeita à extensão da história contada a partir da imagem, *“ressalta o seu carácter breve e restrito, a dificuldade na progressão que exige a repetida intervenção do examinador, porquanto nestas idades as crianças não dispõem ainda de um instrumento linguístico que lhes permita a expressão de relações de causalidade ou outras que possibilitam o relato espontâneo e fluente”* (Silva, 1982, p. 53).

Nas crianças entre os 5 e os 6 anos de idade verifica-se que as histórias são curtas, de conteúdo limitado, estereotipadas; presença de detalhes visíveis, enumeração

ou a descrição de ações simples frequentes; respostas de lugar comum; temas de contos de fadas; finais vagos ou ausentes; diminuta expressão de necessidade ou emoções.

A partir das histórias, o indivíduo, expressa as suas necessidades, os valores, as atitudes e os sentimentos que partilha em relação às pessoas, refere situações e o mundo que a rodeia, e ainda exprime as pressões exteriores que experimenta. Assim, através do seu relato de uma história face à imagem a criança transmite-nos aspetos íntimos que não consegue ainda formular diretamente quando comunica conosco.

Os testes de apercepção não visam representar situações que possam ter sido vividas pelos indivíduos submetidos ao teste. O objetivo é “não fornecer situações representativas das que possam ter sido vividas, mas sim situações suscetíveis de uma interpretação pessoal, imposta por cada indivíduo” (Freeman, 1990, p.68).

Quando se propõe este tipo de tarefa a um indivíduo deve-se dizer que se trata de uma tarefa de imaginação, para a qual ele irá compor histórias que o satisfaçam e que não existem respostas certas nem erradas.

Os dados apresentados pelo indivíduo não são apenas produto das dimensões pessoais determinadas pela sua personalidade, são também influenciadas por outros fatores que podem ser um reflexo superficial das forças culturais como a rádio, a televisão, o cinema, ou das histórias de banda desenhada, entre outros.

2.2.O uso dos desenhos e das técnicas projetivas para conhecer a criança

Como referi anteriormente, complementarmente à apresentação da imagem de uma história de uma prova projetiva adequada à idade pré-escolar, considere que seria interessante recolher também as produções gráficas das crianças em que focalizei a minha atenção durante o estágio para que, em conjunto, elas me ajudassem a melhor conhecê-las.

Segundo Kolck (1984, p.1), o “*grafismo de maneira geral pode ser usado como forma de comunicação, principalmente entre crianças para as quais se constitui uma atividade tão essencial quanto o jogo ou o brincar*”. *Este funciona como “ expressão do desenvolvimento geral da criança, (...) [focaliza] a maturação gráfica da criança, procura estabelecer as fases do desenvolvimento infantil ou avaliar a evolução de aspetos parcelados como objeto ou tema do desenho, [desenvolve a] noção de espaço, perspectiva transparência, ou o papel da percepção visual e da psicomotricidade e demais aspetos psiconeurológicos ou análise do traçado e do uso preferencial da mão”.*

Kolck (1984, p.2) considera que o uso projetivo do desenho “ constitui em condição (...) a projeção da personalidade, possibilitando a manifestação mais direta de aspetos de que o sujeito não tem conhecimento, não quer ou não pode revelar, isto é, aspetos mais profundos e inconscientes”.

É também fulcral ter em conta numa produção gráfica a sua origem, e as características comuns ao grupo etário, sexual, étnico-cultural ou sociopatológico. Por outro lado, o desenho pode ser espontâneo, feito pela criança sem ser solicitado. Os desenhos podem também ser produzidos com a solicitação de um adulto, para um exame psicológico ou uma coleta de dados para uma pesquisa, devendo a análise dos desenhos ter em conta a sua origem, assim como o objetivo com que foram recolhidos.

2.3. Interpretação e significado dos aspetos gerais dos desenhos

A análise de uma produção gráfica deve ter em conta nos processos de interpretação: a sua adequação face à idade da criança e ao que esta pretendeu representar e os aspetos expressivos e projetivos.

É necessário verificar a adequação ao tema e a adaptação em termos de representação gráfica. Assim, verifica-se se o resultado está de acordo com o proposto e se a sua realização é convencional, original ou fantasista; observa-se também, se relativamente à evolução geral do grafismo, o desenho se enquadra na idade, sexo, nível sócio-económico-cultural e de uma eventual patologia da criança, como é o caso da deficiência motora ou visual.

Nos processos expressivos e projetivos, verifica-se o modo particular do sujeito desenhar, as suas qualidades gráficas subjacentes ao estilo, à organização e à harmonia do desenho; o simbolismo do que foi desenhado e a análise das partes integrantes do tema são também tópicos a ter em consideração.

2.4. Significado dos aspetos gerais dos desenhos

Diversas particularidades ajudam a apreciar o desenho da criança de entre as quais se destaca, em primeiro lugar, a posição do desenho na folha de papel que lhe fornecemos. De facto, a folha é o ambiente delimitado pelas bordas do papel e é de certa forma algo que é imposto ao sujeito e a que este tem que se ajustar. A forma como o sujeito a posiciona indica como este se coloca perante ela e como a aceita e se adapta a ela.

Existem duas posições mais frequentes para colocar a folha: na vertical, que em certos casos pode revelar um certo ajustamento à forma como se escreve; A alteração da posição da folha em relação à que lhe foi imposta, isto é, se estava na horizontal e foi posta na vertical pelo sujeito, ou se estava na vertical e foi posta na horizontal, denota indício de espírito curioso cheio de iniciativa ou uma possível oposição e atitude negativista.

Também a localização na folha é um dado a ter em conta pois o lugar onde o sujeito situa o seu desenho, na folha, revela a sua orientação geral no ambiente e consigo próprio. Alguns significados têm sido atribuídos a essa localização que refiro em seguida, consciente de que sobretudo na análise da representação gráfica de crianças muito jovens devem ser encaradas com prudência e a título meramente indicativo.

Se o sujeito situar o desenho: no centro da folha demonstra: “segurança, autovalorização, emotividade, comportamento emocional e adaptativo, equilíbrio, concentração em si mesmo e autorigidez” (Kolck, 1984, p.7); No canto superior direito, indica um contacto ativo com a realidade, rebeldia e ataque; No canto inferior direito, força para realizar os seus desejos, impulsos e instintos, perseverança e teimosia; No canto inferior esquerdo, conflitos, egoísmo, dificuldade em evoluir; No canto superior esquerdo, atitude paciente e de expectativa diante da vida, mas também inibição, reserva, tristeza ou necessidade de permanecer imerso nos seus pensamentos de fantasia; Na metade superior, exprime energia, prossecução de objetivos inatingíveis, necessidade de viver na fantasia, de estar de cabeça no ar; Na metade inferior, materialismo ou aceitação do que existe, incerteza ou inadequação; Na metade direita, reflete uma orientação predominante da energia psíquica para o exterior, sentimento de amor por outrem, atividade, socialização, relação com o futuro, propensão no progresso; Na metade esquerda, “introversão, egoísmo, predomínio da afetividade, do passado e do esquecido, comportamento compulsivo” (Kolck, 1984, p.8); Na diagonal da folha, evidencia a falta de equilíbrio emocional.

Por outro lado, o próprio tamanho do desenho da criança nos fornece informação importante. Assim, o tamanho do desenho em relação à folha exprime a relação ativa do sujeito com o seu ambiente e traduz o modo como reage às influências do mesmo. O sujeito pode reagir com sentimentos impróprios e de inferioridade, ou com fantasias compensatórias de supervalorização. De uma maneira geral, quanto maior for o tamanho do desenho, maior é a auto-valorização.

De acordo com Kolck, podem ser atribuídos os significados seguintes aos diferentes tamanhos: extremamente exagerado, de tal maneira a que sai da folha, evidencia sentimento de falta de espaço em relação ao ambiente, fantasia supercompensatória, com eventuais aspetos paranóides; muito grande, poderá revelar agressividade e descarga motora; grande, sugere sentimentos de agressão e necessidade de expansão, inexistência de controlo, inibição, persistência e ideias de grandeza que podem esconder outro tipo de sentimentos; o tamanho médio revela a necessidade de estar dentro dos padrões normais; pequeno, revela inferioridade, inibição, perseverança ou depressão, assim como pode traduzir um comportamento emocionalmente dependente e ansioso; muito pequeno, poderá indicar sentimentos de inadequação, os sentimentos de desaprovação pelo ambiente ou uma necessidade intensa de isolamento.

É porém de ressaltar que o tamanho da figura depende de muitos outros fatores tais como o nível etário da criança, o seu sexo e a sua classe social. Alguns autores defendem que à medida que a criança vai crescendo o desenho cresce com elas. Um outro aspeto a valorizar refere-se à qualidade do grafismo que se “consubstancia no tipo de linha e na consistência do traçado, pois estes demonstram manifestação de energia, vitalidade, decisão, iniciativa, emotividade, insegurança, falta de confiança em si e ansiedade” (Kolck, 1984,p.9).

Pode-se avaliar diferentes tipos de linhas: as linhas grossas, evidenciam energia, audácia, iniciativa, confiança em si ou uma atitude de oposição para com o ambiente circundante, a tentativa para manter o equilíbrio emocional e dificuldades de adaptação; uma linha de grossura média evidencia um tipo de traçado dentro dos parâmetros normais; uma linha fina transmite insegurança, sentimentos de inaptidão, falta de energia, timidez, falta de auto-confiança, hipersensibilidade mas também uma personalidade artística; um traço contínuo indica rapidez, decisão, autoafirmação, falta de sensibilidade esforço dirigido, energia e receio de tomar iniciativas; um traço com avanços e recuos evidencia emotividade, inquietação, falta de auto-confiança, timidez, insegurança, hesitação face a novas situações, sentido artístico e sensibilidade; um traço interrompido, indica incerteza, medo, angústia e pode indicar tendências psicóticas; por último, um traço trémulo demonstra medo, sensibilidade e também falta de auto-confiança.

Deve ainda ser mencionada a própria aceitação da criança da nossa proposta de desenhar pois algumas rejeitam o que lhes é proposto, podendo este tipo de rejeição ter diferentes significados. Evidencia com isso, por vezes, atitudes negativas e de oposição,

sentimentos de inferioridade que a levam a ter medo de arriscar-se à imperfeição e ao julgamento do outro acerca dos seus desenhos. Quando o sujeito não completa o desenho ou omite certas partes dele, isto também nos fornece informação pois pode traduzir indícios de problemas em relação a esta parte do corpo e ao que ela geralmente significa. Assim sendo, os braços como uma forma de ligar e interagir face ao meio; A sua omissão pode remeter para uma recusa ou dificuldade de relação. Também a boca que é usada para falar pode, no caso de ser inexistente revelar problemas de comunicação.

2.5. Sinais comuns nos desenhos

Saber utilizar o desenho da criança para a conhecer exige não só fundamentos sobre áreas como as que temos vindo a referir, como requer experiência por parte da educadora sobre o modo como habitualmente as crianças desenham e aquilo que deve inquietar-nos ou que traduz apenas algum desfasamento em termos do seu desenvolvimento.

Por conseguinte, para se conseguir interpretar os desenhos é fulcral ter em conta os sinais individuais e os sinais comuns existentes que aproximam cada criança do tipo de desenho que é típico do desenho da maior parte das crianças da sua idade.

Deste modo, é importante destacar alguns sinais que são comuns nos desenhos das crianças: o sujeito desenhar em primeiro lugar a figura do próprio sexo; as figuras do sexo feminino serem ou não maiores do que as do masculino; a figura humana estar desenhada por completo; a posição na folha respeitar o nosso modo de escrita; as figuras serem nem muito grandes nem muito pequenas em relação ao tamanho da folha; a localização das figuras estar ou no centro ou no canto superior esquerdo, respeitando o método da escrita da esquerda para a direita e de cima para baixo; a figura humana ser desenhada de pé e parada; a figura humana ser desenhada de frente e apenas os pés de perfil; o desenho da figura masculina estar assinalada pela presença de barba ou bigodes e pelo vestuário diferenciado ou pelo cabelo; o tronco ser de formato oval; as pernas serem curtas e finas e de dimensões médias; e a figura apresentar algum indício de presença de vestuário como os botões.

Também as temáticas que habitualmente ocorrem são um dado importante a ter em conta. Por exemplo, desenhar figuras mais jovens ou mais velhas, indica “um índice de desejos, atitudes culturais e perspetiva temporal dos indivíduos” (Kolck, 1984, p.23).

Esta pode remeter para situações anteriores da sua vida e em que foi mais feliz ou numa pessoa mais velha traduzir o desejo de se ser visto como uma criança. Habitualmente as figuras mais velhas, no desenho, são identificadas como sendo a mãe ou o pai, dependendo de quem for a figura dominante.

Por outro lado, temáticas invulgares dado o nível etário e as circunstâncias da vida da criança devem deixar o educador especialmente atento pois embora possam traduzir uma imaginação muito rica, sobredotação ou um talento particular para o desenho são com frequência indícios relevantes de perturbações da estruturação da personalidade.

Também os elementos formais do desenho da figura humana apresentam regularidades em cada faixa etária e devem ser apreciadas em conformidade, assim como os significados que se ligam a certas particularidades na representação.

Assim, a cabeça, por exemplo, quase sempre desenhada em primeiro lugar, é o centro da localização do eu, demonstra dependência social e emocional; quando apresenta proporções grandes pode significar confiança exagerada nas funções sociais; quando é mesmo exagerado o seu tamanho, transmite agressividade e afirmação por parte do sujeito.

Os cabelos, muitas vezes ausentes na criança muito pequena, ou confundidos com os membros, expressam o que está a crescer e é vivo.

Já os olhos, que permitem o contacto com o mundo exterior, são ponto principal de concentração para o sentimento do próprio eu; quando são grandes, o sujeito revela curiosidade, dependência do ambiente e das experiências visuais e a sua omissão terá certamente em significado relevante.

As crianças em idade pré-escolar têm tendência para desenhar a boca côncava e oralmente recetiva e a sua ausência remete-nos para o seu papel na comunicação interpessoal. Também os braços se ligam a este último tópico pois proporcionam o contacto com objetos e pessoas; quando desenhados transmitem auto-confiança e a relevância atribuída à relação com o outro.

Por sua vez, as pernas podem ser vistas como o órgão que suporta a estabilidade do corpo, que equilibra o corpo; quando um sujeito se recusa a desenhar esta área do corpo, poderá também existir uma perturbação de esfera sexual; quando as pernas são pequenas ou finas podem ligar-se com o desejo de contacto ou fuga; longas traduzem necessidade de autonomia; longas e finas evidenciam a necessidade de atingir a independência pessoal. Note-se, todavia, que as crianças até aos cinco anos têm

tendência a desenhar as pernas com uma só linha sendo assim de valorizar outros aspetos como a sua inserção adequada no tronco em número correto e o nível de coordenação que indicam.

Por outro lado, Freeman (1990, p.739-740) destaca as seguintes interpretações para outros aspetos formais assim refere: “ *cabeça: aspirações intelectuais, controlo social, elaboração imaginária da personalidade; olhos incerteza, cautela paranoide, atracão sexual; nariz: masculinidade e afirmação; braços e mãos: órgãos extensivos primários, indicadores do grau de poder, de expansão; simetria bilateral: grau de obsessão, compulsão; sinais do corpo: preocupação somática e exagerada.*”

1. Introdução

Ao longo deste capítulo pretende-se referir a natureza do estudo fundamentando as opções metodológicas tomadas e ligando-as com o contexto do trabalho, referir os objetivos que levaram à enumeração das questões de pesquisa, os protagonistas envolvidos, os instrumentos escolhidos e os procedimentos adotados para a investigação bem como as técnicas de recolha de dados.

2. Objetivos do estudo

Com este trabalho pretende-se focar a importância que um desenho pode ter para a educadora de infância enquanto instrumento que permite aceder aos principais problemas da esfera emocional, da criança quando esta ainda se exprime diretamente através da linguagem para nos dar parte dos seus receios e das suas preocupações.

Os objetivos do estudo centram-se em: perceber se os valores privilegiados e as atitudes educativas se refletem nas histórias que as crianças contam; verificar se os temas dos seus desenhos e das suas histórias traduzem vivências pessoais; confirmar se as crianças contam histórias que se inserem na sua faixa etária; identificar se os aspetos interpretativos do desenho podem ser ligados com eventuais situações problemáticas (omissões, negrito, linhas, posição da folha, tamanho do desenho) e averiguar se estes dados são confirmados pelo conteúdo relatado pelas crianças nas histórias mais problemáticas.

3. A natureza do estudo e opções metodológicas

3.1. Contexto da investigação

Como já foi referido anteriormente, o estudo, realizou-se num jardim de infância situado na cidade de Faro, na sala dos 4,5 e 6 anos, na qual desenvolvi a minha prática. Primeiramente, e como no início do ano havia uma grande diversidade de idades, pensei em selecionar as crianças tendo em conta a idade e o sexo, escolhendo duas de cada idade e de sexos diferentes, porém, após a observação da tabela de progressão de idades fornecida pela educadora, pude constatar que da minha observação mais focalizada essas três idades já não existiam pois as crianças já tinha feito anos, havendo só nessa altura duas opções de idade: os 5 e os 6 anos.

Primeiramente surgiu-me a ideia de estudar as fases do desenho infantil destas seis crianças mas em seguida quis ir muito mais além e tentar perceber o significado que era dado pelas crianças aos seus desenhos e o quanto isso podia estar ligado às suas experiências pessoais.

Quando comecei a ter um maior contacto com as crianças, uma das questões que me fascinou foi o nível de desenvolvimento dos desenhos deste grupo pois até os mais novos já desenhavam pormenores muito desenvolvidos para a idade, como se pode observar mais à frente na investigação.

Muitas foram as minhas expectativas em relação a esta investigação, embora nem todas tenham conseguido concretizar. Espero de algum modo contribuir para que os educadores tenham um outro olhar em relação às mensagens ocultas que as crianças nos tentam transmitir.

3.2. Questões de pesquisa

Atendendo à problemática em estudo, formularam-se as seguintes questões de pesquisa:

- Será que as histórias, que as crianças estudadas nos contam, se inserem no que é habitual dada a sua faixa etária?
- Será que os temas das histórias e dos desenhos traduzem as vivências pessoais das crianças?
- Será que aspetos interpretativos do desenho ligados com situações problemáticas (omissões, negrito, linhas, posição da folha, tamanho do desenho) são confirmados por conteúdos das histórias mais problemáticas?
- Será que nas suas histórias as crianças refletem valores privilegiados ou atitudes educativas predominantes no contexto de jardim de infância?

Para conseguir dar resposta às questões de pesquisa foi necessário, através de um pequeno teste, com apenas uma imagem, recolher dados para depois poder confrontá-los com as interpretações de alguns autores e perceber se realmente os testes aperceptivos podem ajudar o educador a estar mais perto da criança.

3.3. Protagonistas do estudo

Com a recolha dos dados das fichas individuais dos protagonistas do estudo, elaborou-se a tabela 1 de sistematização dos dados.

Nome	Mário	Alberto	Gustavo	Inês	Maria	Matilde
Sexo	Masculino	Masculino	Masculino	Feminino	Feminino	Feminino
Idade	5;9	5;11	6;4	5;8	6;5	6;6
Número de irmãos	1	0	1	1	1	1
Vive com	Pais; Irmã	Mãe e avó; algumas semanas passa três dias com o pai	Pais; Irmão	Mãe e irmão (durante a semana); pai (fins de semana)	Avó (durante a semana); Pais e irmão (fim de semana)	Pais; Irmã
Profissão do pai	Delegado comercial	Eletromecânico	Técnico de engenharia	Técnico de obras	Segurança	Técnico de contabilidade
Profissão da mãe	Professora	Desempregada	Supervisora	Assessora de administração	Auxiliar de enfermagem	Diretora do departamento administrativo e financeiro

Tabela 1 - Dados individuais das crianças

Para conhecer as crianças individualmente também foi necessário recorrer às fichas individuais de cada criança. Selecionaram-se alguns dados que nos ajudaram mais na investigação, dados esses que podemos observar na tabela 1. Esta recolha de dados acerca do agregado familiar e das características individuais de cada criança selecionada, foram retirados das fichas individuais das crianças, fornecidas pela educadora cooperante e pelos respetivos pais.

Para conseguir a recolha de dados individuais das fichas das crianças apenas foi necessário uma manhã; As características individuais foram observadas ao longo de todo o estágio; por fim, a aplicação dos testes e recolha dos mesmos foi necessário um dia. É importante realçar que todo o processo de recolha de dados foi autorizado e acompanhado pela educadora cooperante e respetivos encarregados de educação.

Com a observação da tabela 1 relativa aos dados individuais das crianças pode-se constatar que apenas uma criança não tem irmãos, duas são filhas de pais separados e apenas uma das crianças tem a mãe desempregada.

No que concerne à observação diária das crianças ao longo do estágio, duas destas crianças pareciam demonstrar uma personalidade muito forte e utilizam toda a sua inteligência para atingir os seus fins; uma dava a entender que era extremamente pensativa, e pouco sorridente; as outras três transmitiam a necessidade de quererem sempre atingir a perfeição, sendo por vezes demasiado exigentes consigo próprias.

É um grupo muito participativo sendo de realçar também que as influências exercidas pela sociedade estão bem evidenciadas nos estereótipos destas crianças e que as influências da família, educadores e amigos também estão bem patentes. As aprendizagens que vão sendo adquiridas no jardim de infância também têm uma grande influência.

Na maioria dos aspetos formais gerais e ligados com os conteúdos são muito especificadas características individuais de cada criança, é por isso importante conhecer bem cada uma delas para posteriormente poder extrair dados relevantes tendo em conta estes aspetos.

3.4. Instrumentos e procedimentos da aplicação do teste

Na recolha dos dados já na fase da aplicação do teste, é importante referir que a aplicação deste foi individual, sendo que nenhuma criança assistiu ao teste da outra. Para a recolha dos dados foram utilizados vários instrumentos, tais como: a observação

direta, tabelas síntese dos aspetos gerais do desenho e da figura humana apresentadas na análise e interpretação dos dados, e notas de campo.

Relativamente às técnicas de aplicação do teste é de realçar que o procedimento é igual para todas as crianças.

Como já referi a aplicação é individual e o tempo de duração é o necessário para que a criança considere a sua história e o respetivo desenho concluídos.

A aplicação do teste decorreu durante a manhã, na sala de atividades dos 4,5 e 6 anos. Enquanto decorria o teste, apenas se encontrava dentro da sala a criança que estava a colaborar no estudo, todavia, durante o teste entraram na sala várias pessoas, pois é na sala que se encontram os objetos pessoais das crianças e, sempre que havia necessidade de entrar na sala para ir buscar o que era necessário faziam-no. As restantes crianças encontravam-se no espaço exterior a realizar atividades livres.

Os materiais necessários e disponibilizados para que a criança realizasse o teste foram: 1 folha de papel A4 branca, sem pauta; 15 canetas de feltro coloridas (preto, vermelho, castanho, amarelo, laranja, azul claro, azul escuro, verde claro, verde escuro, rosa claro, rosa escuro, roxo claro, roxo escuro, cinzento e amarelo torrado); 1 imagem a preto e branco, a qual as crianças tiveram de interpretar; borracha; afia; e numa fase posterior devido a um pedido da primeira criança em estudo: 12 lápis de cor (preto, castanho, vermelho, azul escuro, azul claro, laranja, amarelo, rosa e roxo); e 11 lápis de cera (vermelho, azul escuro, azul claro, preto, cinzento, rosa claro, castanho, verde escuro, verde claro, laranja e amarelo).

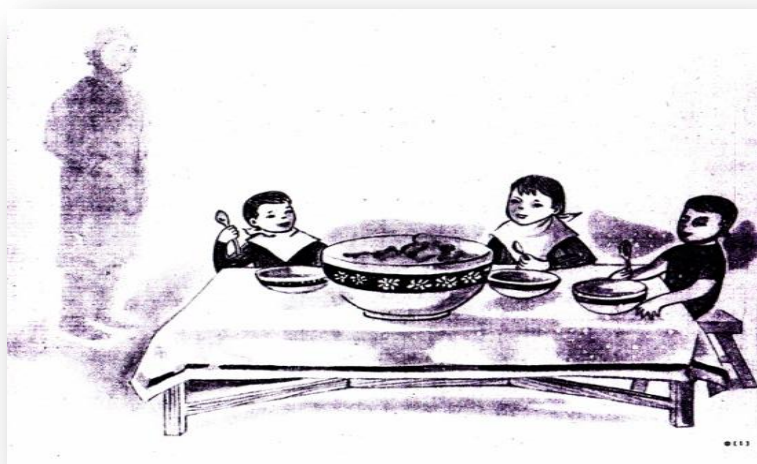


Imagem 2 - Children' apperception test, Bellak e Bellak (1969)

Após colocar os materiais necessários para o teste em cima da mesa onde estava a decorrer o estudo, mostrei a imagem anterior, à criança em estudo, e pedi-lhe que observasse a imagem. Posteriormente pedi-lhe para que através da imagem observada contasse uma história. Durante a história fui tirando notas do que estava a contar e respectivas atitudes da criança que pudessem suscitar interesse para depois confrontar com as interpretações posteriores da história e do respetivo desenho. É importante referir que o Mário, o Alberto e a Inês necessitaram de estímulos para continuar a história pois pareciam estar um pouco distraídos com o que estavam a fazer talvez pelo facto de o restante grupo estar a brincar e também por em alguns momentos da aplicação do teste entrar alguém dentro da sala para ir buscar algum objeto que necessitava; esses estímulos passam por perguntar o que estava a ver, quem estava na imagem e o que estavam a fazer. Quando estas crianças começaram a desligar-se da história anotei essa situação num bloco de notas para depois poder confrontar com os dados. Quando a criança estava com dúvidas e não sabia o que dizer, eu apenas me limitei a responder: tu é que sabes, a história é tua, como quiseres, está à vontade.

Numa segunda fase, já com a história terminada é pedido à criança que faça um desenho sobre a história que acabou de contar. À medida que ia desenhando, fui observando o desenho e pedindo para a criança ir explicando, no caso de haver algum pormenor que eu não percebia e não constava na história. Realça-se o facto ter entregue a folha nas mãos da criança para que esta a colocasse na posição que quisesse e as canetas de feltro estavam em cima da mesa dentro de um copo. Não se pode deixar de referir que o primeiro menino do estudo quis utilizar lápis de cera, os quais acrescentei ao material, tal como os lápis de cor, para que as restantes crianças também pudessem usufruir deles caso fosse essa a sua vontade.

Foi também anotado o ritmo como foi elaborado o desenho, a duração e o desinteresse que a criança pudesse mostrar.

O teste terminou quando a criança decidiu que já tinha terminado tanto a história como o desenho.

Por fim, após a aplicação do teste já na fase de análise foram elaboradas tabelas síntese de sistematização dos dados, que nos permitiram uma melhor leitura quer das histórias quer dos desenhos. Utilizou-se também como exemplo o teste da figura humana de Florence Goodenough (1957) que permitiu perceber o desenvolvimento dos desenhos deste grupo de seis crianças.

Nos procedimentos metodológicos adotados, seguimos a seguinte estrutura:

Numa fase inicial, procedemos a uma pesquisa bibliográfica que nos permitiu ter uma melhor perceção da problemática em estudo e dos instrumentos adequados para a recolha de dados; Seleccionámos o grupo de crianças que pretendíamos analisar, tendo em conta as idades e o sexo. Após a seleção das crianças deram-se nomes fictícios a cada uma: Mário com 5 anos e 9 meses de idade, Alberto com 5 anos e 11 meses, Gustavo com 6 anos e 4 meses, Inês com 5 anos e 8 meses, Maria com 6 anos e 5 meses e Matilde com 6 anos e 6 meses.

Para a realização da investigação optou-se por observar as características individuais e de grupo em contexto de jardim de infância, pois eram as idades do grupo onde estava a decorrer a minha prática. Esta observação permitiu identificar as características individuais que permitissem conhecimento das seis crianças necessárias para a investigação. Através da convivência e da partilha de saberes com as crianças é mais fácil conseguir chegar às crianças e perceber as suas necessidades.

Posteriormente, procedeu-se à fase de recolha e tratamento dos dados acerca do agregado familiar e características individuais de cada criança selecionada, esses dados foram retirados das fichas individuais das crianças, fornecidas pela educadora cooperante e pelos respetivos pais.

Para conseguir a recolha de dados individuais das fichas das crianças apenas foi necessário uma manhã; As características individuais foram observadas ao longo de todo o estágio; por fim, a aplicação dos testes e recolha dos mesmos foi necessário um dia. É importante realçar que todo o processo de recolha de dados foi autorizado e acompanhado pela educadora cooperante e respetivos encarregados de educação.

Para proceder a interpretação e análise dos dados foi necessário começar por sistematizar os dados individuais de cada criança. Para tal, elaborei previamente alguns instrumentos de análise dos dados que a seguir referirei.

Em seguida, referiu-se algumas características individuais que ressaltaram, nas crianças, no decorrer do estágio e durante a elaboração do teste. Posteriormente foi necessário estruturar as histórias contadas para que as suas interpretações fossem mais fáceis; colocou-se assim a história e o respetivo desenho seguidos para que pudesse ser lida a história e se pudesse logo observar o respetivo desenho. Elaborou-se uma tabela síntese da história, em que se destacam os protagonistas, a cena, as características dos protagonistas, as principais ações em que os protagonistas estão envolvidos, a reação da figura parental às atividades/atitudes das personagens infantis, punição ou controlo do comportamento indesejável pela figura parental, outros aspetos que se possam destacar

na história e o desfecho da história. Esta tabela síntese permite que sejam destacados os aspetos mais importantes das histórias e esquematizados para que quando seja a leitura da mesma o leitor consiga perceber logo quais os aspetos mais importantes da história de cada criança. Com a tabela síntese das histórias foi feita uma análise à mesma que além dos dados da história foi necessário referir referenciais teóricos e até mesmo os aspetos particulares da vida de cada sujeito do estudo que foram observados e anotados durante o teste.

Posteriormente à análise da história foi feita a análise do respetivo desenho que teve sempre a ligação com a história. Também para os desenhos foram feitas tabelas sínteses que sistematizaram os aspetos gerais do desenho referidos anteriormente. Tais como: posição da folha, localização na página, tamanho relativo, qualidades do grafismo, resistências a desenhar, negação, não completamento da figura e ausência da figura; e os aspetos estruturais ou formais próprios do desenho da figura humana: tema, quem são os retratados, idade e o que estão a fazer, tipo de imagem do corpo (realista ou compensatória), postura da figura, ação ou movimento, perspetiva, transparências, sucessão do desenho, simetria, linha mediana, articulação, anatomia interna ou transparência do corpo, pormenores, complementos, proporções, tratamento diferencial de duas figuras, tipo de imagem de corpo.

Por fim, procedeu-se à análise conjunta dos dados das histórias e dos desenhos auxiliando-nos das tabelas síntese comparativas.

3.4.1. Natureza do estudo

O presente estudo é de natureza essencialmente qualitativa, pelo simples facto de que para conseguir dar resposta às questões da pesquisa necessitou-se analisar, descrever e interpretar os dados pormenorizadamente.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa tem as seguintes características: o investigador é o instrumento principal e a fonte direta dos dados é o ambiente natural, o local onde decorre a investigação é crucial e influencia os sujeitos que nele se movimentam; “Os dados que o investigador recolhe são principalmente de carácter descritivo” (p.47), os investigadores qualitativos utilizam equipamentos de vídeo, áudio ou blocos de notas. Recolhem os dados através de um equipamento e depois complementam com a informação do contacto direto; os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que pelos resultados; a investigação

qualitativa é descritiva, “os resultados dos escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação” (Bogdan e Biklen, 1994, p.48). Esta investigação “exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para construir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo” (Bogdan e Biklen, 1994, p.49).

Com a utilização deste tipo de investigação assume-se que o interesse está no modo como as pessoas dão sentido às suas vidas e quais as suas perspetivas; a análise dos dados é feita de forma indutiva; para o investigador a abordagem qualitativa é crucial, os investigadores qualitativos “ *estão continuamente a questionar os sujeitos de investigação, com o objetivo de perceber aquilo que eles experimentam, o modo como eles interpretam as suas experiências e o modo como eles próprios estruturam o mundo social em que vivem; (...) estabelecem estratégias e procedimentos que lhes permitem tomar em consideração as experiências do ponto de vista do informador. O processo de condução de investigação qualitativa reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respetivos sujeitos, dado estes não serem abordados por aqueles de uma forma neutra*” (Bogdan e Biklen, 1994, p.51).

Uma das estratégias de investigação foi o estudo de caso, no qual o investigador “*procura locais ou pessoas que possam ser objeto de estudo ou fontes de dados e, ao reconhecer aquilo que pensam interessar-lhes, organizam então uma malha larga, tentando avaliar o interesse do terreno ou das fontes de dados para os seus objetivos. Procuram indícios de como deverão proceder e quais as possibilidades de o estudo se realizar*” (Bogdan e Biklen, 1994, p. 89).

Para conseguir dar resposta à investigação e à necessidade de recolha de dados, refletiu-se acerca dos instrumentos mais adequados para o efeito. Deste modo, os registos de recolha de dados utilizados ao longo da investigação foram as notas de campo, a observação direta e a análise documental.

No que concerne à observação direta é necessário algum tempo para que o investigador tenha a aceitação do grupo, permitindo uma compreensão mais ampla e profunda das questões. O investigador encontra-se com o sujeito e tenta passar o máximo de tempo com ele para o conhecer o melhor possível. Isto permite que a relação entre o investigador e o sujeito se torne menos formal. Assim, o nível de à vontade aumenta levando até mesmo a que o sujeito faça confidências. O facto de a investigação estar a decorrer no local de estágio, onde o investigador está ambientado, facilita a

observação e a recolha de dados; pois o investigador consegue identificar se existe algum problema e, se necessário, alterar o processo; as crianças sujeitas ao teste sentem-se mais confiantes e confortáveis para deixar-se levar pela imaginação; facilita no processo de análise das características individuais das crianças; entre outros.

Por último, utilizaram-se as notas de campo, estas são “um relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha” (Bogdan & Biklen, 1994, p.150). Todos os dados recolhidos durante o estudo são considerados notas de campo, que podem ser anotações, transcrições, documentos oficiais, estatísticas oficiais, imagens, entre outros.

As notas de campo que permitem capturar o significado, mais concretamente captando elementos extra como o cheiro e a imagem corporal do participante.

Em suma, as notas de campo são um instrumento de registo que permite: relatar experiências de aprendizagem vivenciadas pelas crianças; sintetizar situações e relatar momentos específicos; os registos das crianças são essenciais para esta investigação, pois esta trata das características particulares das mesmas.

Outros instrumentos utilizados foram a imagem do Childrens apperception test e a tabela de Florence Goodenought (1926), como já o referimos anteriormente.

Capítulo IV. Apresentação, interpretação e análise dos dados

Como já foi referido anteriormente, esta investigação teve como base a apresentação de uma imagem, individualmente, a cada criança selecionada, relativamente à qual, esta tinha de fornecer a sua interpretação da imagem, contando uma história acerca da mesma, sendo-lhes posteriormente pedido que desenhasse o que tinha contado na sua história. Neste ponto, apresentam-se os resultados das histórias de cada uma das crianças e os seus respetivos desenhos.

Com base nos dados obtidos a partir das histórias e dos desenhos das seis crianças em estudo, com características individuais muito distintas, pode-se afirmar que os desenhos foram influenciados pelas suas necessidades individuais pois nenhuma delas agiu ou obteve resultados iguais à outra, e poucos foram os aspetos que coincidiram nos seus relatos.

No que concerne aos aspetos gerais dos desenhos, a maioria destacou-se pelo seu perfeccionismo, sentido de estética e qualidades de grafismo; nos aspetos formais estão mais presentes os estereótipos sociais, as influências familiares e o estilo; nos aspetos de conteúdo destacam-se principalmente as aprendizagens anteriores e as particularidades inerentes à personalidade da criança.

Este grupo, em geral, aparenta ser muito exigente, sentimental, bastante influenciado pelo ambiente, apesar de decidido, seguro, independente e não revela conflitos graves.

A recolha das produções gráficas foi acompanhada da introdução complementar de uma prova projetiva verbal, apropriada ao nível etário dos sujeitos, que irá evidenciar a sua resposta a uma única imagem ligada com a esfera da oralidade e da dependência, mas suscetível de evocar temáticas com a relação com o adulto e com as outras crianças. Assim, foi apresentada uma gravura relativamente à qual cada criança criou uma história; posteriormente desenhou a história livremente possibilitando a manifestação mais direta de aspetos mais profundos e/ou inconscientes que os sujeitos não querem ou não podem revelar. Pretende-se relacionar eventuais indícios de perturbação ou de problemas com a produção gráfica que a criança é capaz de fazer, assim como com a narrativa que a este propósito ela produz.

1. Apresentação das histórias e dos desenhos de cada criança

1.1. Mário



Imagem 3 - Mário

O Mário tem cinco anos e nove meses de idade. Vive com os pais e tem uma irmã de 9 anos de idade. A sua mãe é professora e o seu pai delegado comercial. No seu dia a dia no jardim de infância parece ser uma criança muito calma, fechada, perfeccionista, inteligente, bastante tímida e sensível. Apesar de não ser um dos mais velhos da sala encontra-se ao nível deles na generalidade das áreas de desenvolvimento.

Relativamente à sua participação nas atividades do dia a dia, é de realçar a sua capacidade de absorção de aprendizagens, a sua vontade de aprender e de querer saber mais e o seu bom desempenho nas atividades.

Nas atividades de desenho livre e orientado notou-se, ao longo do ano, que não demonstrava grande interesse pelo desenho, talvez pelo facto de esta não ser uma das áreas que mais gostava de explorar, preferindo atividades ligadas com a matemática, as ciências e as histórias. Apesar disso, esta criança encontra-se acima da etapa pré-esquemática de Lowenfeld (1997) e destaca-se da fase do realismo intencional de Luquet (1979).

Na história do Mário, podemos observar que começou por identificar as figuras presentes, referindo o que estavam a fazer e identificando os sentimentos que, no seu entender, transmitiam durante a ação. Em seguida, descreveu as características dos protagonistas para que estes pudessem ser identificados; contudo, se olharmos para o respetivo desenho, não deu qualquer importância às cores descritas na história que identificavam cada um dos protagonistas. Por fim, acrescentou falas aos protagonistas que transmitiam sentimentos diversificados.

Na imagem que se segue podemos observar o resultado da história contada pelo Mário.

“Era uma vez, três meninos que estavam a comer. Apareceu o pai e viu que as crianças tinham feito a comida sozinhas e puseram a mesa, o pai ficou muito contente e adorou a salada com frutas que os meninos tinham feito.

○ primeiro menino tinha o cabelo preto e uma blusa azul, estava sempre a rir-se e a portar-se mal; o segundo tinha o cabelo castanho e uma blusa preta, ele portava-se sempre bem; o terceiro menino tinha o cabelo loiro e uma blusa vermelha, estava sempre a portar-se mal; o pai tinha o cabelo castanho, uma blusa amarela com botões e calções de fato de banho.

○ pai dizia sempre aos filhos, que não se portaram bem, para estarem quietos um bocadinho, porque quando eles se portaram mal o pai ficava triste”.

Imagem 4 – História do Mário

1.1.1 Interpretação da história do Mário

De acordo com os tópicos evidenciados antes para a descodificação das histórias, foram sistematizados os principais aspetos referidos, como se pode ver na tabela 2, mais à frente.

A leitura dessa tabela permite-nos evidenciar alguns aspetos interessantes: em primeiro lugar, o facto de o Mário ter descrito as características externas das personagens infantis em termos de vestuário, cor de cabelo e de comportamento; por outro lado, em relação ao comportamento, destaca-se o facto da figura adulta se impor ou ficar triste quando os meninos se portam mal.

Se ligarmos estas ações e comportamentos das personagens às vivências pessoais do Mário podemos concluir que o Mário tem consciência de que, quando uma criança se porta mal, os adultos pedem-lhe para parar e ficam tristes. Ora, é de realçar que, durante a minha prática, observei que a educadora para tentar controlar os comportamentos das crianças procurava sempre que percebessem que ela acima de tudo não tinha ficado aborrecida, mas sim triste por eles não conseguirem compreender que o que estavam a fazer podia prejudicar os outros.

Outro aspeto que se destacou na história do Mário, que também podemos observar da leitura na tabela que se segue, foi a importância que atribuiu à autonomia das crianças em relação ao adulto e a forma como a figura adulta aprecia e aprova essa autonomia.

	Descrição	Interpretação
Herói e protagonistas	O pai; Três meninos: O primeiro menino O segundo menino O terceiro menino	
Cena	Preparação de uma refeição	
Características dos protagonistas	O pai, de cabelo castanho, blusa amarela com botões e calções de fato de banho O 1.º menino, com cabelo preto e blusa azul, estava sempre a rir-se e a portar-se mal O 2.º menino, com cabelo castanho e blusa preta, portava-se sempre bem O 3º menino, de cabelo loiro e blusa vermelha, estava sempre a portar-se mal	São descritas características externas de vestuário e cor de cabelo e de comportamento relativamente às crianças
Principais ações em que estão envolvidos	Os meninos estavam a comer Os meninos tinham feito a comida sozinhos Os meninos puseram a mesa sozinhos Os meninos fizeram a salada de frutas	Autonomia das crianças em relação ao adulto Idem
Reação da figura parental às atividades/atitude das personagens infantis	Ficou contente (quando viu que prepararam a comida e puseram a mesa) Apreciou a salada de frutas que os meninos fizeram sozinhos Ficava triste por os meninos se portarem mal	A autonomia é apreciada positivamente pela figura parental A figura parental mostra aprovação face à ação dos meninos e ao resultado desta Quando as personagens infantis se portam mal o pai: diz-lhes que parem e/ou fica triste
Punição ou controle do comportamento indesejável pela figura parental	O pai dizia para estarem quietos Ficava triste	

Tabela 2 – Principais aspetos da história do Mário

Tendo por base que “ as atitudes, a forma de ensinar, a maneira de agir dentro da sala de aula refletem a conceção de autonomia do educador e são determinantes no processo de construção da autonomia moral dos educandos (Vinha, 1998, p.6) ”, mais uma vez, esta criança reflete as suas aprendizagens adquiridas com a educadora e o facto de esta dar grande valor à autonomia das crianças. Reforça-se assim a ideia de que

o educador deve tentar desde cedo desenvolver a autonomia das crianças, usando estratégias educativas formativas, de modo a ajudar a formar sujeitos autônomos e responsáveis pelos seus atos.

O Mário, na sua história, mostra que o trabalho desenvolvido, não só pela educadora mas por toda a comunidade educativa, está a ser adquirido e compreendido da melhor maneira.

Com a análise feita à tabela dos principais tópicos da história do Mário conseguimos destacar alguns aspetos que se interligam com as suas vivências pessoais, aspetos esses que muitas vezes nos passam ao lado por não lhes darmos a atenção necessária e que em atividades simples, comuns no jardim de infância, como o desenho e o contar de histórias podem ser reveladas e trabalhadas no sentido de melhor conhecer o grupo de crianças.

1.1.2. Desenho ilustrativo da história do Mário



Imagem 5 - Desenho do Mário

O Mário não mostrou qualquer resistência em desenhar, destacando-se, pelo contrário, a sua vontade de participar e de colaborar, embora, durante a realização da tarefa proposta, estivesse atento a tudo o que estava em seu redor, desligando-se muitas vezes do que estava a fazer.

No que respeita a alguns dos aspetos formais, que destaquei antes no enquadramento conceptual, podemos ver que a posição do desenho na folha se encontra na horizontal, de acordo com a imagem observada na gravura que lhe foi mostrada para

contar a história, e que o desenho se localiza no canto inferior esquerdo. As figuras estão representadas de frente, na posição vertical, e foram executadas da esquerda para a direita e de cima para baixo, respeitando o modo de escrita.

Destaca-se também a presença de vários tipos de linhas, desigualmente de linhas curvas que tornam o desenho mais harmonioso e de linhas retas com ângulos marcados mais agressivas.

De um modo geral, os detalhes do desenho são simples mas enquadram-se na fase do realismo intencional de Luquet (1979); destacando-se também a representação da perspectiva no desenho, que é mais comum nas crianças a partir dos sete anos; esta perspectiva está presente na mesa que é vista de cima, destacando-se ainda a transparência dos objetos que permite ver, através do objeto, o que está por detrás. O Mário de acordo com as etapas Lowenfeld (1997), segundo o qual as crianças da sua idade estão na fase pré-esquemática, destaca-se na sua figura pois já se pode identificar o tronco que está diferenciado das pernas e da cabeça.

As cores utilizadas no desenho são cores escuras. No desenho, constata-se a predominância do uso da cor vermelho, o que poderá traduzir alguma imaturidade, uma vez que é a cor preferencialmente utilizada pelas crianças muito jovens. São também usadas o preto, o azul-escuro, rosa e o castanho, sendo todavia o Mário uma das crianças que utilizou menos cores. Note-se também, por outro lado, que das seis crianças observadas foi o único que rejeitou o uso das canetas propostas, preferindo-lhes os lápis de cera.

No que concerne ao papel ilustrativo do desenho relativamente à história, o Mário não desenhou as características das personagens de acordo com a história contada. Por exemplo, esta criança foi a única que não desenhou a roupa das personagens apesar de ter referido na história que o primeiro menino tinha uma blusa azul, o segundo uma blusa verde e o terceiro uma blusa vermelha, já o pai tinha uma blusa amarela com botões e uns calções de fato de banho. Outro detalhe que não coincidiu com a história contada do Mário foi a cor do cabelo do terceiro menino, a qual o Mário tinha referido que era loiro e que no desenho pintou de azul.

É possível observar algumas outras particularidades interessantes, como a inexistência dos pés nas crianças, embora esta se deva provavelmente à influência da imagem observada em que as crianças estavam sentadas à mesa e não se viam os pés. No entanto, é de referir que as figuras das crianças estão incompletas, pois faltam-lhes os pés e as mãos. Por outro lado, as pessoas representadas não são muito grandes nem

muito pequenas, destacando-se a figura do pai, cujo tamanho é maior, traduzindo talvez um maior significado de que ele se reveste para a criança, tanto mais que é representado com um maior número de detalhes e dado que, na gravura mostrada, ele não é mais do que uma sombra esbatida e ambígua quanto ao sexo da personagem.

1.2. Alberto



Imagem 6 - Alberto

O Alberto tem cinco anos e onze meses de idade. Vive com a mãe e a avó, passando a maior parte do tempo com a avó; Os pais estão a separar-se por isso em algumas semanas o Alberto passa três dias com o pai. O pai é operário eletromecânico e a mãe está desempregada.

No seu dia a dia no jardim de infância parece ser uma criança muito fechada, não demonstrando os sentimentos e muitas vezes encontrando-se num pensamento profundo. Parecia estar a sofrer com a separação dos pais. Alguns dias chegava à instituição com a avó e não queria ficar lá. Em conversas com a educadora e avó ficou-se a saber que era porque nos dias que passava com o pai não precisava de ir ao jardim de infância; assim quando chegava da casa do pai tentava fazer o mesmo com a avó. Contudo esta criança adorava estar no jardim de infância, aprender com os mais velhos e interagir com os outros brincando nas horas de atividades livres. É de realçar que tinha gosto pelo que fazia nas atividades orientadas e esforçava-se para dar o seu melhor, demonstrando ser uma criança que necessitava do seu próprio espaço e de tempo apropriado para a realização das atividades.

Nas atividades de desenho livre e orientado notou-se ao longo do ano que se encontrava num nível um pouco abaixo deste grupo de crianças, talvez pelo facto de esta não ser uma das áreas que mais gostava. Apesar disso, encontra-se acima da etapa pré-esquemática de Lowenfeld (1997) e um pouco abaixo da fase do realismo intencional de Luquet (1979).

“Era uma vez, três meninos, o Joaquim, o Manuel e o Alexandre, com idades de 5, 6 e 7 anos, respectivamente. O Joaquim tinha cabelo preto, vestia blusa verde e calças pretas; o Manuel tinha cabelo preto, vestia uma blusa amarela e calças azuis; e o Alexandre tinha o cabelo castanho, vestia uma blusa azul e umas calças verdes.

Certo dia estavam os três a comer e o pai estava a ver se eles comiam tudo. O pai chamava-se Alexandre também, tinha o cabelo castanho e liso com um rabo-de-caralo, os olhos castanhos e pequenos, os braços curtos e estava a vestir uma blusa cor-de-rosa e uns calções azuis com uma lua.

Enquanto os três irmãos comiam, muito bem sentados, estavam muito contentes a cantar. O Joaquim estava a cantar pela primeira vez, o Manuel já estava habituado e o Alexandre que tinha o mesmo nome que o pai era a sua segunda vez. Cantavam todos muito bem, o pai era o único que não cantava porque não sabia.

Quando acabaram de comer, o pai não ficou muito contente porque eles não tinham comido muito e porque o Alexandre não estava bem sentado.”

Imagem 7 – História do Alberto

1.2.1. Interpretação da história do Alberto

Após a leitura da história, podemos observar que o Alberto começou por identificar as figuras presentes na imagem que estava a interpretar, referindo as idades e as características físicas e de vestuário. Estas características foram mencionadas em primeiro lugar, talvez para que se conseguisse identificar os protagonistas da sua história na imagem que estava a ser observada.

Se olharmos para o respetivo desenho podemos constatar que esta criança teve a preocupação de pintar as cores das características dos protagonistas de acordo com a

história contada, apenas a figura do adulto não correspondendo às características da história.

Por fim, descreveu as ações dos protagonistas e alguns dos sentimentos que, no seu entender, transmitiam durante a ação.

Como fizemos relativamente à criança anteriormente focada e de acordo com os tópicos evidenciados antes para a descodificação das histórias, foram sistematizados os principais aspetos referidos, que se encontram descritos na tabela seguinte.

	Descrição	Interpretações
Herói e protagonistas	O pai: Alexandre Três meninos (irmãos): Joaquim, Manuel e Alexandre	
Cena	Os meninos estão à mesa a comer e a dançar	
Características dos protagonistas	O pai, Alexandre, tinha o cabelo castanho e liso com um rabo-de-cavalo, os olhos castanhos e pequenos, os braços curtos e vestia uma blusa cor-de-rosa e uns calções azuis com uma lua; não cantava porque não sabia O Joaquim tinha 5 anos, tinha o cabelo preto, blusa verde e calças pretas; estava a cantar pela 1ª vez O Manuel tinha 6 anos, tinha o cabelo preto, blusa amarela e calças azuis; estava habituado a cantar O Alexandre tinha 7 anos, tinha o cabelo castanho, blusa azul e calças verdes; estava a cantar pela segunda vez	São descritas características externas de vestuário e cor de cabelo e de comportamento relativamente ao pai e às crianças
Principais ações em que estão envolvidos	O pai estava a ver se eles comiam tudo Os irmãos comiam, muito bem sentados Os meninos estavam muito contentes a cantar Cantavam todos muito bem menos o pai	O pai observava os meninos Autonomia das crianças O pai não sabia cantar e os meninos sabiam
Reação da figura parental às atividades/atitudes das personagens infantis	Não ficou contente porque os meninos não comeram tudo e porque o Alexandre não estava bem sentado	Quando as personagens infantis não comiam e não estavam bem sentadas o pai não ficava contente
Punição ou controle do comportamento indesejável pela figura parental	O pai estava a ver se os meninos comiam tudo	O pai controlava os meninos

Tabela 3 – Principais aspetos da história do Alberto

Da leitura da tabela anterior podem-se evidenciar alguns aspetos interessantes da história do Alberto: em primeiro lugar, o facto deste ter descrito as características externas das personagens infantis em termos de vestuário, cor de cabelo e de

comportamento; por outro lado, em relação ao comportamento, destaca-se o facto da figura adulta tentar controlar ou não ficar contente quando os meninos se portam mal.

Tal como no caso do Mário, esta percepção do Alberto da reação das figuras adultas ao não cumprimento das regras foi adquirida com os conhecimentos transmitidos e vivenciados com a educadora. Por exemplo, em relação ao comportamento, também o Alberto tem consciência de que, quando uma criança se porta mal, os adultos pedem-lhe para parar e ficam tristes.

Outros aspetos que se destacam e se interligam na história do Alberto são: a importância que este atribuiu ao controlo e autoridade da figura adulta; e a autonomia das crianças em relação ao adulto. Tendo por base que é nestas idades que as crianças começam a adquirir autonomia e que o educador deve contribuir para essa evolução, podemos interligar estes aspetos com as vivências pessoais do Alberto.

No decorrer da minha prática, um aspeto que a educadora tentou sempre transmitir foi que existe uma figura de autoridade que regula os comportamentos e ajuda a distinguir o que está certo ou errado partilhando os seus conhecimentos. Se ligarmos este aspeto com a importância que a educadora dava à autonomia das crianças, destacamos o facto de esta criança refletir também as aprendizagens adquiridas. É de realçar que o conceito de autonomia e autoridade foi bem adquirido pelo Alberto, pois através da história, mostra que tem noção de que vive num meio que tem limitações impostas pela sociedade e de que existe *“sempre a figura de autoridade, que impõe e regula o comportamento das crianças, ao mesmo tempo que esta procura e exige a sua autonomia. É, então, uma busca pelo fazer sozinha, pelo decidir sozinha, algo que é afirmado pela criança desde cedo na vida”* (Silva, 2009, p.p.3-4).

Por outro lado, podemos também ligar estes aspetos de autoridade e autonomia às vivências e aprendizagens com a família, que nos remete para a *“vontade da criança em estabelecer um maior controlo sobre as suas ações, após ter começado a adquirir algum controlo sobre o seu corpo, ao nível da motricidade fina e grossa”* (Nucci, Killen, & Smetana, 1996, p.p.7-24). Efetivamente, nesta fase a criança esforça-se em reclamar mais autonomia para si.

Por fim, é importante referir que durante o conto da história, o Alberto, parecia estar cansado, não mostrava vontade em contar a história, não demonstrava interesse, estava distraído, e mal olhava para a imagem. Contudo, não se pode deixar de referir que no seu dia a dia o Alberto é uma criança criativa, participativa e muito esforçada. É também importante destacar o cunho pessoal que o Alberto deu à sua história,

identificando-se a si e ao seu pai e, destacando o orgulho que sente em ser muito parecido com o pai, evidenciando a grande paixão e a falta que sente, do pai, na sua vida.

1.2.2. Desenho ilustrativo da história do Alberto



Imagem 8 - Desenho do Alberto

O Alberto, tal como quando estava a contar a história durante a elaboração do desenho, estava atento a tudo o que estava em seu redor, desligando-se muitas vezes do seu desenho, também se notando nesta atividade alguma falta de interesse. Contudo, foi uma das crianças que se voluntariou para ajudar na investigação. É importante realçar que apesar de estar distraído e não parecer estar muito interessado não deixou de dar importância aos pormenores do desenho, interligando-os com os da sua história. Por exemplo, os detalhes das cores das roupas e do cabelo coincidem com os referidos na história.

No que respeita a alguns dos aspetos formais que destaquei antes no enquadramento conceptual, podemos ver que a posição do desenho na folha se encontra na horizontal, de acordo com a imagem observada na gravura que lhe foi mostrada para contar a história e também que o seu desenho se localiza na metade inferior da folha. As figuras estão representadas de frente, na posição vertical e foram executadas da esquerda para a direita e de cima para baixo, respeitando o modo de escrita.

Destaca-se também a presença dos vários tipos de linhas, a existência de linhas curvas que tornam o desenho mais harmonioso e de linhas retas com ângulos marcados mais agressivas.

De um modo geral, os detalhes do desenho são simples, mas enquadram-se na fase do realismo intencional de Luquet (1979), destacando-se, os pormenores. O Alberto, de acordo com as etapas definidas por Lowenfeld (1997), encontra-se acima da etapa pré-esquemática, pois na figura humana consegue-se identificar o tronco da cabeça e das pernas.

É de realçar que esta criança teve muita atenção aos pormenores referidos na sua história, tentando projetar da melhor maneira que pode esses detalhes, detalhes esses, que passam sobretudo pela cor do vestuário e cabelo dos protagonistas. Contudo, como já referido anteriormente, a figura adulta é a única que não corresponde à descrição na sua história.

As cores utilizadas no desenho são cores claras. Destaca-se no desenho a predominância do uso da cor verde. São também usadas o amarelo, o azul-claro, castanho, rosa, azul-escuro e o vermelho, sendo o Alberto o rapaz que utilizou mais cores. Note-se que, das seis crianças observadas, foi o único que não desenhou a mesa com a forma de um retângulo, utilizando linhas curvas irregulares.

No que concerne ao papel ilustrativo do desenho relativamente à história, o Alberto teve muita atenção ao desenhar os detalhes dos protagonistas, para que estas ficassem de acordo com a história que contou. Por exemplo, as cores das roupas e do cabelo correspondem às referidas na história. É de salientar que, durante a elaboração do desenho, o Alberto tinha medo de não estar a corresponder à história contada e que as cores não fossem as mesmas que tinha mencionado.

É possível observar algumas outras particularidades interessantes, tais como a inexistência dos pés nas crianças, embora isto se deva provavelmente à influência da imagem observada em que as crianças estavam sentadas à mesa e não se viam os pés. No entanto, é de referir que as figuras das crianças estão incompletas pois faltam-lhes os pés e as mãos. Por outro lado, as pessoas representadas não são grandes, destacando-se a figura do pai, cujo tamanho é maior, traduzindo talvez um maior significado de que ele se reveste para a criança, contudo foi a única figura a quem não desenhou a roupa, talvez porque na gravura mostrada, ele não é mais do que uma sombra esbatida e ambígua quanto ao sexo da personagem. Esta foi a única criança que não deu importância nem à mesa, nem à comida na mesa.

1.3. Gustavo



Imagem 9 - Gustavo

Relativamente à sua participação nas atividades do dia a dia, é de realçar a sua capacidade de abs

O Gustavo tem seis anos e quatro meses de idade. Vive com os pais e com o irmão que tem dois anos de idade. O pai é Técnico de Engenharia e a mãe Supervisora.

No seu dia a dia no jardim de infância parece ser uma criança muito calma, fechada, bastante tímida e sensível.

Nas atividades de desenho livre e orientado esta criança tem sempre muita iniciativa e quer aprender cada vez mais e aperfeiçoar as suas capacidades. Nunca deixa um trabalho por terminar, nem que tenha de ficar a fazê-lo nas horas de atividades livres, chegando mesmo a chorar quando não consegue terminar o que começou, não tem pressa em realizar as atividades, esforçando-se para que fiquem sempre perfeitas.

Esta criança encontra-se acima da etapa pré-esquemática de Lowenfeld (1997) e destaca-se da fase do realismo intencional de Luquet (1979).

Após a leitura da história, podemos observar que o Gustavo começou por identificar as figuras presentes, referindo o que estavam a fazer. Em seguida, atribuiu aos protagonistas idades e descreveu as suas características físicas e de vestuário para que estes pudessem ser identificados no desenho. Se observarmos o desenho podemos destacar o facto de o Gustavo ter conseguido fazer corresponder os detalhes contados na história ao respetivo desenho. Por fim, voltou a descrever as ações e os sentimentos que, no seu entender, os protagonistas, transmitiam durante a ação.

“Era uma vez, três meninos que estavam a comer o jantar. Enquanto jantavam o pai estava a vê-los comer.

O pai chamava-se João, tinha 36 anos. Era um homem grande com os braços e as pernas grandes que dava para abraçar todos os filhos ao mesmo tempo. O seu cabelo era muito pouco, não tinha bigode e os olhos eram pequenos como duas azeitonas. Naquele dia estava vestido com uma blusa vermelha e umas calças azuis.

Os filhos chamaram-se Pedro, Catarina e André. Estes tinham 4, 5 e 6 anos, respectivamente, eram cada um mais velho do que o outro. Tinham todos o cabelo curto e os olhos pequenos como os do pai. O Pedro tinha vestido uma blusa verde e umas calças brancas; a Catarina uma blusa rosa e uma calças castanhas; e o André uma blusa azul e umas calças verdes escuras.

Enquanto comiam, o Pedro brincava com a colher. Depois os irmãos começaram a fazer o mesmo que o Pedro, mas brincavam bem sentados porque sabiam que o pai estava a ver. Os meninos estavam tão contentes a brincar que não se aperceberam que o pai estava triste por ver que eles estavam a brincar e não a comer. Eles estavam a brincar porque não gostaram da sopa de caldo verde que o pai tinha feito”.

Imagem 10 – História do Gustavo

1.3.1. Interpretação da história do Gustavo

De acordo com os tópicos evidenciados antes para a descodificação das histórias, foram sistematizados os principais aspetos referidos, como se pode ver na tabela seguinte.

	Descrição	Interpretações
Herói e protagonistas	O pai: João Três meninos: Pedro, Catarina e André	
Cena	Os três meninos estão sentados à mesa a comer o jantar e o pai está a ver	
Características dos protagonistas	O pai, João, tinha 36 anos, era um homem grande com os braços e as pernas grandes que davam para abraçar todos os filhos ao mesmo tempo; tinha pouco cabelo, não tinha bigode, olhos pequenos como duas azeitonas, blusa vermelha e calças azuis Os meninos eram cada um mais velho do que o outro, tinham o cabelo curto e os olhos pequenos como os do pai O Pedro tinha 4 anos, tinha uma blusa verde e umas calças brancas A Catarina tinha 5 anos, tinha uma blusa rosa e umas calças castanhas O André tinha 6 anos, tinha uma blusa azul e umas calças verde-escuras	São descritas características externas de vestuário e cor de cabelo, membros São dadas idades aos protagonistas
Principais ações em que estão envolvidos	Os meninos estavam a comer o jantar O pai estava a ver os meninos a comer O Pedro brincava com a colher e os irmãos começaram a fazer o mesmo que ele Os meninos brincavam bem sentados porque sabiam que o pai estava a ver Os meninos estavam contentes a brincar O pai fez sopa de caldo verde Os meninos não gostavam da sopa de caldo verde do pai	Autonomia dos meninos Os meninos imitavam-se uns aos outros Os meninos brincavam apesar de saberem que estavam a ser observados O pai fez o jantar mas os meninos não gostaram
Reação da figura parental às atividades/atitudes das personagens infantis	Ficou triste porque os meninos estavam a brincar e não a comer	Quando as personagens infantis se portam mal o pai: ficava triste
Punição ou controle do comportamento indesejável pela figura parental	O pai estava a ver os meninos comer O pai estava a ver se eles estavam bem sentados	O pai controlava as ações dos meninos

Tabela 4 – Principais aspetos da história do Gustavo

A leitura da tabela anterior permite-nos evidenciar alguns aspetos interessantes: em primeiro lugar, o facto de o Gustavo ter descrito as características externas das personagens infantis em termos de vestuário, cor de cabelo e membros; destaca-se também o comportamento; a autonomia das crianças em relação à figura adulta; e o controlo por parte da figura parental.

Remetendo-nos às vivências pessoais do Gustavo, evidencia-se tal como nas crianças anteriores, as influências que a educadora teve sobre este grupo. O Gustavo tal como o Mário e o Alberto também tem consciência de que quando se porta mal, faz com que o adulto tenha de agir e fique triste. No que concerne à autonomia das crianças em relação ao adulto destacada na história, no momento em que refere que as crianças conseguem comer sozinhas, evidencia-se o facto de o Gustavo ter consciência de que algumas ações fazem com que seja autónomo em relação aos adultos, neste caso o não precisar de ajuda para comer permite-lhe ser mais independente.

Pode-se observar na história do Gustavo a consciência de que as crianças mais novas necessitam sempre que um adulto as acompanhe para que através dos seus conhecimentos lhes ajude a perceber o que é mais correto ou não.

Por fim, outro aspeto importante na história do Gustavo é o caso de a figura adulta estar a ver que as crianças se estavam a portar mal, mas não dizer nada. Ora, se relembra um pouco a minha prática posso associar esta atitude da figura adulta ao momento em que nós, como estagiárias, apesar de estarmos à frente do grupo, muitas vezes não conseguíamos controlá-lo e a educadora, para nos deixar aprender e arranjar os nossos próprios métodos, ficava calada a observar cada criança vendo o que estavam a fazer de correto ou incorreto para depois poder dizer-lhes que tinha estado a ver o seu comportamento e no que é que tinham errado, destacando sempre que tinha ficado triste por as crianças não se estarem a portar bem.

O Gustavo, na sua história, mostra que o trabalho desenvolvido, não só pela educadora mas por toda a comunidade educativa, está a ser adquirido e compreendido pelas crianças da melhor maneira.

1.3.2. Desenho ilustrativo da história do Gustavo



Imagem 11 - Desenho do Gustavo

O Gustavo não mostrou qualquer resistência em desenhar, destacando-se, pelo contrário, a sua vontade de participar e de colaborar e a sua preocupação em não se esquecer de nenhum pormenor que possa ter dito na história. Esta criança demonstra o cuidado que tem em não falhar e em ser minucioso com os pormenores mostrando a sua atitude perfeccionista, exigente consigo própria e que em geral o caracteriza nas situações reais. Quando estava a realizar o teste encontrava-se muito pensativo em relação às respostas e ideias a expressar, mostrando ser uma criança muito sensível, com muita sabedoria mas também demasiado perfeccionista.

No que respeita a alguns dos aspetos formais, que destaquei antes no enquadramento conceptual, podemos ver que a posição do desenho na folha se encontra na horizontal, de acordo com a imagem observada na gravura que lhe foi mostrada para contar a história e que o desenho se localiza no canto inferior esquerdo. As figuras estão representadas de frente, na posição vertical, e foram executadas da esquerda para a direita e de cima para baixo, respeitando o modo de escrita.

Destaca-se também a presença dos vários tipos de linhas, a existência de linhas curvas que tornam o desenho mais harmonioso e linhas retas com ângulos marcados mais agressivas.

De um modo geral, os detalhes do desenho são simples, mas enquadram-se na fase do realismo intencional de Luquet (1979); Destacando-se a existência de perspetiva no desenho, que é mais comum nas crianças com sete anos, esta perspetiva está presente

na mesa e é vista de cima, destacando-se ainda a transparência dos objetos que permite ver através do objeto o que está por detrás. O Gustavo, de acordo com as etapas de Lowenfeld (1997), em que as crianças da sua idade estão na fase pré-esquemática, destaca-se das outras crianças pois na sua figura já se pode identificar o tronco que está bem diferenciado das pernas e da cabeça.

As cores utilizadas no desenho são cores claras. Destaca-se no desenho a predominância do uso da cor azul-claro. São também usadas o amarelo, o vermelho e o verde, sendo o Gustavo, uma das crianças que utilizou menos cores. Note-se que das seis crianças observadas foi o que deu mais importância à mesa e à refeição que estava na mesa.

No que concerne ao papel ilustrativo do desenho relativamente à história, o Mário desenhou as características das personagens e os pormenores da refeição que estava a decorrer de acordo com a história contada. Por exemplo, esta criança desenhou a roupa das personagens de acordo com o que referiu na história dando bastante realce aos pormenores da comida ao evidenciar bastante a mesa e a refeição.

É possível observar outras particularidades interessantes, como a inexistência dos pés nas crianças que provavelmente se deve à influência da imagem observada em que as crianças estavam sentadas à mesa e não se viam os pés. No entanto, é de referir que as figuras estão incompletas, pois faltam-lhes os pés, as mãos, o cabelo e o nariz. Por outro lado, as pessoas representadas são pequenas, destacando-se a mesa e a refeição, cujo tamanho é maior, traduzindo isto talvez um maior significado de que se reveste para a criança, tanto mais que são representadas com um maior número de detalhes e cores. Se observarmos apenas as figuras humanas nota-se que deu mais destaque à figura do pai e à da menina que apesar de ser mais velha do que os outros é mais pequena, o que contraria um dos aspetos formais apresentados anteriormente de que existiria a tendência para destacar a figura feminina.

Outro aspeto a destacar são os detalhes do desenho que são de muito boa qualidade, bem coordenadas demonstrando sempre um grande rigor e atenção na sua execução.

1.4. Inês



Imagem 12 - Inês

A Inês tem cinco anos e oito meses de idade. Vive com a mãe e o irmão, de 1 ano de idade. Os pais estão a divorciar-se por isso passa os fins-de-semana com o pai e os dias da semana com a mãe. O seu pai é Técnico de Obras e a mãe Assessora de Administração.

No seu dia a dia no jardim de infância parece ser uma criança segura e desafiadora, tentando sempre chegar aos limites até alcançar os seus objetivos.

Vive atualmente a separação dos pais, a qual muito a está a afetar pois ao longo do ano foram-se notando as suas alterações de comportamento.

Relativamente à sua participação nas atividades do dia a dia, é de realçar a sua capacidade de absorção de aprendizagens, a sua vontade de aprender e querer saber mais e o seu desempenho nas atividades. Contudo é importante referir que é uma criança que necessita do seu próprio espaço e tempo para realizar as atividades, deixando muitas vezes de as fazer, ou alterando a atividade conforme é do seu agrado. Esta imposição por parte da Inês foi muitas vezes trabalhada pela educadora e por nós estagiárias e no final do ano já se notava uma evolução muito grande.

Nas atividades de desenho livre e orientado notou-se ao longo do ano que, apesar de ser uma das crianças mais novas, estava no mesmo nível dos mais velhos, já que desenha com muitos pormenores. Esta criança encontra-se acima da etapa pré-esquemática de Lowenfeld (1997) e destaca-se da fase do realismo intencional de Luquet (1979).

Na história da Inês, podemos observar que esta criança começou por identificar as figuras presentes na história, referindo o que estavam a fazer e elucidando acerca dos sentimentos que transmitiam durante a ação. Em seguida, descreveu as características das personagens para que estas pudessem ser identificadas no desenho; contudo, se olharmos para o respetivo desenho esta criança não fez o desenho de acordo com a história, esta desenhou um local ao ar livre cheio de flores e uma menina, personagem e características essas que não estão presentes na sua história.

“Era uma vez, três amigos que estavam a comer. O Alexandre, o Miguel e o Diogo, com 3,4 e 5 anos de idade, respectivamente. O Alexandre tinha cabelo loiro, um babete laranja, casaco, calças pretas e uma colher cor-de-rosa; o Miguel tinha o cabelo castanho, um babete verde e um casaco vermelho; o Diogo cabelo castanho, colher roxa, e a blusa verde.

Entretanto o pai do Diogo que se chamava Gabriel, tinha 40 anos, cabelo verde, pintado no cabeleireiro, blusa vermelha, calças de ganga e sapatos castanhos, chegou e deu-lhes mais comida pois eram muito comilões. Não lhes deu muita porque tinham de ir sair, apenas lhes deu peras. Eles gostaram muito porque adoravam pêra. Quando acabaram foram-se embora tristes pois não sabiam onde iam. Mas quando perceberam que iam para o parque andar de barco ficaram muito felizes”.

Imagem 13 – História da Inês

1.4.1. Interpretação da história da Inês

De acordo com os tópicos evidenciados antes para a descodificação das histórias, foram sistematizados os principais aspetos referidos, como se pode ver na tabela seguinte.

A leitura da tabela que se segue permite-nos evidenciar alguns aspetos interessantes: em primeiro lugar, o facto de a Inês ter descrito as características externas das personagens infantis em termos de vestuário, cor de cabelo e acessórios, destacando-se na figura do pai o cabelo verde, o que é justificado como sendo pintado no cabeleireiro e são atribuídos acessórios a cada criança tais como babetes e colheres coloridas.

Por outro lado, a figura do pai também se destaca por participar nas tarefas das crianças ajudando-as a comer, controlando as suas ações e a preocupando-se com elas. Note-se que esta criança ao evidenciar estes aspetos pode estar a tentar transmitir a falta que sente do pai no seu dia a dia, dado que apenas tem a oportunidade de estar com ele ao fim de semana devido ao divórcio dos pais. Por outro lado, também pode ser a

necessidade que a Inês sente em chamar a atenção pois sente-se carente em relação à presença desta figura adulta. Por fim, também é de notar que a Inês apesar de ter atribuído as idades às crianças da história, iguais às dos seus amigos de sala não lhes atribuiu a autonomia que este grupo já possui, dando todo o destaque à necessidade da figura adulta ser essencial para ajudar as crianças nas suas tarefas; este último aspeto pode se traduzir o receio que esta criança tem de crescer e de perder a atenção dos adultos pois como a Inês tem um irmão mais novo pode ser o ciúme que sente do irmão por este ser mais novo e beneficiar de mais cuidados por parte dos pais.

	Descrição	Interpretações
Herói e protagonistas	O pai do Diogo: Gabriel Três amigos: o Alexandre, o Miguel e o Diogo	
Cena	Os amigos estão sentados à mesa a comer e o pai do Diogo está a ver	
Características dos protagonistas	O pai do Diogo, Gabriel, tinha 40 anos, cabelo verde pintado no cabeleireiro, blusa vermelha, calças de ganga e sapatos castanhos O Alexandre tem 3anos, cabelo loiro, um babete laranja, casaco, calças pretas e uma colher cor-de-rosa O Miguel tem 4 anos, cabelo castanho, um babete verde e um casaco vermelho O Diogo tem 5 anos, cabelo castanho, colher roxa e blusa verde	São descritas características externas de vestuário e cor de cabelo São dadas idades aos protagonistas
Principais ações em que estão envolvidos	Os amigos estavam a comer O pai do Diogo quando chegou deu-lhes mais comida porque eles eram muito comilões mas não lhes deu muita porque tinham de ir sair, apenas deu-lhes peras Os amigos gostaram muito que o pai do Diogo lhes desse peras porque adoravam peras Quando acabaram de comer foram-se embora tristes por não saber onde iam, mas quando perceberam que iam para o parque andar de barco ficaram muito felizes	Participação do pai Transmissão de sentimentos por parte dos amigos em relação às ações do pai do Diogo Aprovação ou rejeição das ações do pai do Diogo A figura adulta é que controla o que as crianças fazem ou vão fazer
Reação da figura parental às atividades/attitudes das personagens infantis	O pai deu mais comida aos amigos porque eles eram muito comilões	Preocupação da figura parental com as crianças O adulto é que dá a comida às crianças
Punição ou controle do comportamento indesejável pela figura parental	O pai deu mais comida aos amigos O pai deu peras aos amigos O pai levou os amigos ao parque	Controlo da figura adulta em relação às ações das crianças

Tabela 5 – Principais aspetos da história da Inês

Por fim, a Inês dá importância aos sentimentos de aprovação ou reprovação que as crianças podem ter em relação às atitudes da figura adulta. É engraçado esta criança querer dar destaque à opinião e sentimentos das crianças para com as atitudes dos

adultos; pode com isso estar a tentar dizer que as crianças também têm as suas opiniões e sentimentos e que também podem não concordar com as atitudes dos adultos, pois é neste ponto que a Inês demonstra melhor a sua autonomia, mostrando que já tem a sua própria opinião.

Com a observação da tabela podemos destacar que a Inês ligou a história às suas vivências pessoais e que destacou algumas das suas carências.

1.4.2. Desenho ilustrativo da história da Inês



Imagem 14 - Desenho da Inês

A Inês não mostrou qualquer resistência em desenhar, destacando-se, pelo contrário, a sua vontade de participar e de colaborar; contudo, o seu desenho não corresponde exatamente à história que contou. Não se pode deixar de referir que esta criança nas atividades do dia a dia costuma ser muito extrovertida, brincalhona e imaginativa, efetuando muitas vezes desenhos muito criativos e pormenorizados.

No que respeita a alguns dos aspetos formais que destaquei antes no enquadramento conceptual, podemos ver que a posição do desenho na folha se encontra na horizontal, de acordo com a imagem observada na gravura que lhe foi mostrada para contar a história e que o desenho se localiza no canto inferior esquerdo. A figura está representada de frente, na posição vertical, e foi executada da esquerda para a direita e de cima para baixo, respeitando o modo de escrita. Destaca-se também a presença dos vários tipos de linhas, a existência de linhas curvas que tornam o desenho mais harmonioso e linhas retas com ângulos marcados mais agressivas.

De um modo geral, os detalhes do desenho são simples mas enquadram-se na fase do realismo intencional de Luquet (1979); A Inês de acordo com as etapas

Lowenfeld (1997) em que as crianças da sua idade estão na fase pré-esquemática, destaca-se de alguns outros pois na sua figura já se pode identificar o tronco que se destaca, das pernas e da cabeça.

As cores utilizadas no desenho são cores claras e muito bem conjugadas, traduzindo o seu sentido de estética. Destaca-se no desenho a predominância do uso da cor amarelo. São também usadas o azul claro e o verde, sendo a Inês, a mais nova das meninas, quem utilizou menos cores. Note-se que das seis crianças observadas foi a única que não fez corresponder o desenho à história contada.

No que concerne ao papel ilustrativo do desenho relativamente à história, a Inês não desenhou de acordo com a história contada. Desenhou uma menina num jardim; nesta menina destaca-se a quantidade de pormenores e a variedade de cores. Se olharmos de forma minuciosa para os pormenores da personagem é possível observar algumas outras particularidades interessantes, pois pode-se observar, por exemplo, que a Inês, apesar de ser a criança mais nova deste grupo de seis, foi quem desenhou todos os elementos da figura da menina; estando representados os pés, os cabelos, os olhos, a boca, o nariz, os braços, as pernas, o tronco e as mãos. Por outro lado, a menina representada não é muito grande, mas destaca-se do restante desenho.

1.5. Maria



Imagem 15 - Maria

A Maria tem seis anos e cinco meses de idade. Vive com a avó durante a semana e com os pais e o irmão, de um ano de idade, ao fim de semana. O seu pai é Segurança e a sua mãe Auxiliar de Enfermagem.

No seu dia a dia no jardim de infância parece ser uma criança extremamente extrovertida, esperta, desafiadora, mas que, por vezes gosta de testar os limites de todos e de chamar a atenção constantemente. O seu humor parece ser inconstante e tem períodos de grande agitação. Sente uma grande necessidade de carinho e atenção. Parece sentir muito a falta dos pais e do irmão, talvez sentindo-se inferiorizada, em relação ao irmão, pois ao contrário dele não está todos os dias com os pais. Quando está com a avó não lhe são impostos limites, pois dá sempre a última palavra e consegue habitualmente o que quer. Apesar de todas estas características é uma criança inteligente e sempre com muita

vontade de aprender coisas novas; por outro lado, costuma ser insegura em relação à sua própria pessoa.

Nas atividades de desenho livre e orientado notou-se a longo do ano que se encontrava acima da etapa pré-esquemática de Lowenfeld (1997) e destaca-se da fase do realismo intencional de Luquet (1979).

“Era uma vez três meninos, o Manuel, o Francisco e o Diogo. Eles tinham 5, 7 e 6 anos de idade, respectivamente. O Manuel que era muito bem comportado tinha um cabelo castanho, uma blusa vermelha e umas calças castanhas; O Francisco tinha o cabelo curto com crista, um babete branco, uma blusa verde e as calças pretas; O Diogo tinha o cabelo loiro, blusa castanha e creme e as calças cinzentas. Todos tinham os olhos grandes e castanhos e os braços pequenos.

Um dia estavam todos juntos a fazer uma sopa, de caldo verde e peixe com batatas fritas e legumes, para o pai provar quando chegasse. O Manuel sabia cozinhar muito bem; O Francisco cortava os legumes e o Diogo preparava as batatas e o peixe.

O pai levou algum tempo a chegar, porque tinha ido comprar um gelado para o jantar, mas estava ansioso por saber qual era o jantar que os filhos lhe tinham preparado.

Os filhos e o pai ficaram felizes com o jantar, por isso sorriam muito contentes. O pai que era um homem com 36 anos de idade, tinha os olhos castanhos e pretos, braços grandes e compridos, gravata cinza com riscas vermelhas, blusa preta e calças pretas, quando chegou a casa provou a comida dos filhos, e achou que estava deliciosa”.

Imagem 16 – História da Maria

1.5.1. Interpretação da história da Maria

Após a leitura da história, podemos observar que a Maria começou por identificar as figuras infantis presentes em termos de características externas e de comportamento referindo o que estavam a fazer e o que cada protagonista sabia fazer. Em seguida, descreveu as características da figura adulta e suas ações.

Se olharmos para o respetivo desenho da Inês podemos observar que deu bastante importância à ligação da história com o respetivo desenho, tendo em atenção todos os pormenores.

Relativamente ao conto da história esta criança parece ser muito extrovertida, brincalhona e imaginativa, durante a história efetuou graças, brincou com as situações e inventou pormenores irreais, que depois alterou. Talvez tenha este tipo de comportamento para chamar a atenção, muitas vezes para o fazer gosta de ser repreendida pelos adultos mas pelo menos consegue que prestem atenção nela. Destacaram-se durante a história e no desenho pormenores que muitas vezes não estão presentes na idade da mesma.

De acordo com os tópicos evidenciados antes para a descodificação das histórias, foram sistematizados os principais aspetos referidos, como se pode ver na tabela seguinte.

A leitura da tabela permite-nos evidenciar alguns aspetos interessantes na história da Maria: As personagens são descritas em termos da idade e das suas características externas (cor do cabelo, tamanho dos membros superiores e vestuário) sendo também já referidas uma competência específica como padrão de comportamento estável do Manuel, o mais novo (que sabe cozinhar bem), sendo ajudado pelos mais velhos a preparar o jantar. Curiosamente, é o menino mais novo que mostra uma competência particular e o mais velho o único que é referido como estando a usar um babete. Note-se que a Maria tem um irmão com um ano de idade.

É interessante que mais uma vez a autonomia, das crianças em relação ao adulto, está presente na história de mais uma criança, a Maria, tal como as outras crianças referidas anteriormente, menciona a independência das crianças quando estão a comer e a preparar uma refeição. Reforça-se mais uma vez a ideia que *“a criança em pré-escolar de 5 e 6 anos, além de conseguir comer a refeição sozinha sem se sujar, segurar o copo sem entornar, consegue igualmente barrar o pão, cortar legumes e carne com uma faca, algo que anteriormente ainda não conseguia”* (Ferland, 2006, p.16). É nestas

pequenas particularidades que a criança se apercebe que já possui autonomia, em relação ao adulto. Ainda em relação à autonomia, pode-se também destacar a aprovação da figura adulta em relação à autonomia das crianças, mais uma vez remete-nos para o trabalho da educadora que, como já referi anteriormente, elogia e estimula muito a autonomia do grupo.

A Maria, na sua história destaca alguns aspetos que se interligam com as suas vivências pessoais.

	Descrição	Interpretações
Herói e protagonistas	O pai; Três meninos: o Manuel, o Francisco e o Diogo	
Cena	Os três meninos estão sentados à mesa a preparar o jantar para o pai	
Características dos protagonistas	O pai tem 36 anos, olhos castanhos e pretos, braços grandes e compridos, gravata cinza com riscas vermelhas, blusa preta e calças pretas 3 meninos, todos com olhos castanhos grandes e braços pequenos. Manuel, 5 anos, tem cabelo castanho, blusa vermelha e calças castanhas, era muito bem comportado e sabia cozinhar bem. Francisco, 7 anos, tem cabelo curto com crista e babete branco, uma blusa verde e as calças pretas. Diogo, 6 anos, tem cabelo loiro, blusa castanha e creme e calças cinzentas.	São descritas características externas de vestuário e cor de cabelo e de comportamento relativamente ao pai e às crianças As crianças mostram autonomia face à figura parental que depende delas para lhe prepararem o jantar
Principais ações em que estão envolvidos	Os meninos estão sentados à mesa a preparar o jantar para o pai. O Manuel sabe cozinhar bem e os outros ajudam: o Francisco corta os legumes e o Diogo prepara as batatas e o peixe O pai não chega logo porque foi comprar um gelado para o jantar Quando o pai chega prova a comida dos filhos	Os meninos colaboram para preparar o jantar ao pai O pai contribui para o jantar comprando a sobremesa
Reação da figura parental às atividades/atitude das personagens infantis	Todos estavam felizes e sorriam muito contentes O pai estava ansioso por saber que jantar lhe tinham preparado. O pai achou a comida deliciosa	A figura parental aguarda ansiosamente o resultado da ação. A figura parental mostra aprovação face ao resultado da ação dos meninos
Punição ou controle do comportamento indesejável pela figura parental	Não se aplica	

Tabela 6 – Principais aspetos da história da Maria

1.5.2. Desenho ilustrativo da história da Maria



Imagem 17 - Desenho da Maria

A Maria não revelou qualquer resistência em desenhar, destacando-se, pelo contrário, a sua decisão e vontade de participar e de colaborar, embora, durante a realização da tarefa proposta, brincasse com as palavras e inventasse pormenores que não tinham nada a ver com assunto do momento. Destacam-se os detalhes do desenho que são muito específicos e perceptivos.

No que respeita a alguns dos aspetos formais, que destaquei antes no enquadramento conceptual, podemos ver que a posição do desenho na folha se encontra na horizontal, de acordo com a imagem observada na gravura que lhe foi mostrada para contar a história, e que o desenho se localiza no centro da folha. As figuras estão representadas de frente, na posição vertical, e foram executadas da esquerda para a direita e de cima para baixo, respeitando o modo de escrita.

Destaca-se também a presença dos vários tipos de linhas, a existência de linhas curvas que tornam o desenho mais harmonioso e linhas retas com ângulos marcados mais agressivas.

De um modo geral, os detalhes do desenho enquadram-se na fase do realismo intencional de Luquet (1979). Destacando-se a existência de perspetiva no desenho, é de referir que é mais comum nas crianças a partir dos sete anos; esta perspetiva está presente na mesa e é vista de cima, verifica-se ainda a transparência dos objetos que permite ver através do objeto o que está por detrás. A Maria de acordo com as etapas Lowenfeld (1997) em que as crianças da sua idade estão na fase pré-esquemática, pois

na sua figura já se pode identificar o tronco que está diferenciado das pernas e da cabeça.

As cores utilizadas no desenho são cores escuras. No desenho contata-se a predominância do uso do preto. São também usadas o vermelho, o cinzento e o castanho, sendo a Maria uma das crianças que utilizou mais cores. É também muito importante referir a harmonia das cores presente no desenho e a alegria que este nos transmite quando olhamos para ele. Note-se também, por outro lado, que no desenho da Maria existe um grande sentido de estética; por exemplo a Maria utilizou as canetas para fazer os contornos dos objetos e das personagens e os lápis de cor para pintar o desenho.

No que concerne ao papel ilustrativo do desenho relativamente à história, a Maria desenhou as características das personagens de acordo com a história contada. Assim, referiu que o pai tinha uma gravata branca com riscas vermelhas e esta aparece no desenho, tal como as cores dos cabelos e das respetivas roupas das personagens.

É possível observar ainda algumas outras particularidades interessantes, como a inexistência dos pés nas crianças que se deve provavelmente à influência da imagem observada em que as crianças estavam sentadas à mesa e não se viam os pés. No entanto, é de realçar que as figuras das crianças estão incompletas, pois faltam-lhes os pés e as mãos. Por outro lado, nas figuras representadas destacam-se a figura do pai, cujo tamanho é maior, traduzindo este realce talvez um maior significado de que ele se reveste para a criança, tanto mais que é representado com um maior número de detalhes e dado que, na gravura mostrada, ele não era mais do que uma sombra esbatida e ambígua quanto ao sexo da personagem; as figuras infantis no desenho da Maria apresentam um tamanho reduzido em relação aos restantes elementos.

Os detalhes do desenho são de muito boa qualidade, tendo havido sempre um grande rigor e atenção aos mesmos; destacam-se nomeadamente os pormenores da língua do pai, a gravata, as sobrancelhas e as pestanas. Por outro lado, destacam-se as borboletas e as fitas de festa que são muitas e com muita cor.

1.6. Matilde



Imagem 18 - Matilde

A Matilde tem seis anos e seis meses de idade. Vive com os pais e a irmã de 9 anos. A sua mãe é Diretora de Departamento Administrativo-Financeiro e o seu pai Técnico de Contabilidade.

No seu dia a dia no jardim de infância parece ser uma criança muito inteligente com uma inteligência acima da média pelo facto de ter as suas capacidades muito desenvolvidas em todas as áreas e ser a única

criança que já sabia ler e escrever; sabe ler e escrever e parece ser muito calma, meiga, amiga, disposta a aprender, autocrítica e perfeccionista.

Relativamente à sua participação nas atividades do dia a dia, é de realçar a sua capacidade de absorção de aprendizagens, a sua vontade de aprender e querer saber mais e o seu desempenho nas atividades. Não se pode deixar de referir o trabalho desenvolvido em casa com os pais que está bem patente no desenvolvimento desta criança.

Nas atividades de desenho livre e orientado notou-se a longo do ano que se encontrava num nível acima deste grupo de crianças, sendo por vezes necessário preparar atividades mais elaboradas para esta criança e mesmo nas horas de atividades livres a vontade de aprender falava mais alto. A Matilde encontra-se acima da etapa pré-esquemática de Lowenfeld (1997) e destaca-se da fase do realismo intencional de Luquet (1979).

Após a leitura da história, podemos observar que a Matilde começou por identificar as características externas das figuras presentes na sua história, referindo o que estavam a fazer e identificando os sentimentos que, no seu entender, transmitiam durante a ação. Em seguida, descreveu as características dos protagonistas para que estes pudessem ser identificados no seu desenho. Por fim, acrescentou falas aos protagonistas que transmitiam sentimentos.

“Era uma vez, três meninos, o Artur, o André e o João. O Artur tinha uma blusa verde e vermelha, o André um pijama branco e o João um pijama branco e azul. Eles jantaram de pijama porque já tinham tomado banho, apenas um estava de blusa porque chegou mais tarde com a mãe, mas ia tomar no dia seguinte. Estavam a comer sopa e o pai estava a ver se comiam e se portavam bem.

O João não tinha babeto o que não estava correcto porque estava a comer e podia sujar-se. O pai explicou-lhe que tinha de pôr um babeto mesmo que não gostasse. Mas o filho não queria, por isso, castigou-o e ele foi lá para cima chorar.

O pai chamava-se Manuel era velho, tinha 53 anos, braços grandes e um robe com coelhinhos.

O filho mais novo, o Artur era o que se portava melhor porque as crianças mais novas portam-se melhor e o pai ficava todo contente por isso.

Eles estavam a jantar e o João fez asneira, mexeu nas coisas de um dos irmãos e partiu o acessório que ele gostava muito.

O Artur comeu à pressa e não deixou nada para a família jantar. Foi lá para cima e o pai e a mãe foram fazer mais comida para jantarem. Entretanto já era muito tarde e eles comeram depressa o prato principal, mas depois faltava a sobremesa, o pai e a mãe comeram com eles. O André comeu gelado porque se portava bem e os outros dois irmãos fruta. O pai e a mãe também comeram gelado”.

Imagem 19 – História da Matilde

1.6.1. Interpretação da história da Matilde

De acordo com os tópicos evidenciados antes para a descodificação das histórias, foram sistematizados os principais aspetos referidos, como se pode ver na tabela seguinte.

	Descrição	Interpretações
Herói e protagonistas	O pai: Manuel Três meninos: o Artur, o André e o João	
Cena	Os irmãos estão a comer e o pai a ver	
Características dos protagonistas	O pai, Manuel, era velho, tinha 53 anos, braços grandes e um robe com coelhinhos O Artur, o filho mais novo, tinha uma blusa verde e vermelha, ele por ser mais novo era o que se portava melhor O André tinha um pijama branco O João tinha um pijama branco e azul, um babete	São descritas características externas de vestuário, idades dos protagonistas e comportamento relativo a uma das crianças
Principais ações em que estão envolvidos	O André e o João jantavam de pijama porque já tinham tomado banho, o Artur tinha chegado mais tarde com a mãe, não tomou banho, por isso não estava de pijama Os meninos estavam a comer sopa e o pai estava a ver se comiam e se portavam bem O João não tinha babete, não estava correto porque podia sujar-se com a comida O pai pediu ao João para pôr o babete O João foi lá para cima chorar por o pai lhe castigar O João fez asneira enquanto mexia nas coisas de um dos irmãos, partiu o acessório que o irmão mais gostava O Artur comeu à pressa e não deixou nada para a família jantar Quando o Artur foi lá para cima o pai e a mãe foram fazer mais comida para jantarem Como já se fazia tarde eles tiveram de comer depressa o prato principal e depois a sobremesa O pai e a mãe também comeram sobremesa O André comeu gelado porque se portava bem e os outros dois irmão fruta O pai e a mãe também comeram gelado	O pai controlava as ações dos filhos São descritas ações corretas ou incorretas das crianças Imposição da figura parental Quando as figuras infantis se portavam mal o pai castigava-as Noção de que quando se mexe nas coisas dos outros sem autorização se pode estragar sem querer As figuras parentais recompensam os filhos por se portarem bem
Reação da figura parental às atividades/attitudes das personagens infantis	O pai ficava todo contente por ser o filho mais novo que se portava melhor	A figura parental mostra aprovação face à ação dos meninos e ao resultado desta
Punição ou controle do comportamento indesejável pela figura parental	O pai estava a ver se comiam a sopa e se portavam bem O pai castigou o João por não querer pôr o babete	Controle da figura parental Punição da figura parental por o filho não respeitar uma ordem

Tabela 7 – Principais aspetos da história da Matilde

A leitura da tabela anterior permite-nos evidenciar alguns aspetos interessantes: em primeiro lugar, o facto de a Matilde ter descrito as características externas das personagens infantis em termos de vestuário e de comportamento.

Em relação ao comportamento, destaca-se o facto de a Matilde ter mencionado que o Artur, o filho mais novo, ser aquele que se portava melhor porque as crianças mais novas se portam melhor que as mais velhas. Curioso é que a Matilde tem uma irmã mais velha e que, no decorrer do estágio, em conversas informais com a Matilde, esta referia o facto da irmã mais velha se portar pior do que ela em casa; dizia também que as figuras parentais ficam muito contentes por ser o filho mais novo quem se porta melhor. Ora, a Matilde neste aspeto pode estar a referir-se ao facto de muitas vezes os adultos elogiarem os mais novos por se portarem melhor do que os mais velhos, pois os mais velhos já adquiriram mais competências do que os mais novos e já deviam por isso ter mais consciência de que as suas atitudes menos corretas podem prejudicar os outros.

A Matilde também refere as atitudes dos adultos em relação ao comportamento das crianças; reflete que tem consciência de que, quando uma criança se porta mal, os adultos lhe pedem para parar, ficam tristes e até mesmo a castigam. Esta consciência pode ter sido adquirida no seu dia a dia no jardim de infância ou até mesmo em casa com a família. Ainda no que se refere ao comportamento, é curioso que esta criança foi a única que referiu a recompensa por uma boa ação ou bom comportamento. É muito importante, tanto para os pais como para os educadores que muitas vezes utilizam este tipo de estratégia, que tenham consciência que a criança com a recompensa não está a aprender o que está certo ou errado, apenas aprende a arranjar estratégias para ser recompensado, assumindo uma atitude conformista em que não é necessário tomar decisões, apenas obedecer. Esta irá “agir apenas motivada pelo benefício que receberá” (Kamii, 1991, p.30). Cabe, neste caso, ao educador e aos pais arranjar outro tipo de estratégias que ajudem a conseguir o desejado, nem que para isso tenham de passar o ano inteiro a trocar de estratégia mas, pelo menos no fim, a criança adquirira o conhecimento que for desejado pelo educador e pelos pais.

Outro aspeto que se destacou na história da Matilde foi a importância que esta atribuiu à autonomia das crianças em relação ao adulto e a forma como a figura adulta aprecia e aprova essa autonomia; aspeto este que, como já referi anteriormente se interliga com as vivências e conhecimentos adquiridos com a educadora. Neste caso, a Matilde refere, por exemplo, que as crianças tomaram banho sozinhas; ora, se tivermos em conta que no pré-escolar a criança “a partir dos três anos de idade (...) consegue ir sozinha à casa de banho, (...) por volta dos cinco anos (...) consegue limpar-se depois de defecar, (...) é também capaz de tomar banho e secar-se sozinha, assoar-se e escovar

o cabelo” (Ferland, 2006, p.73), é natural que a Matilde tenha referido ações que ela própria já consegue realizar.

Destaca-se também o controlo que a figura parental tem sobre as crianças; efetivamente, esta referência foi mencionada várias vezes na história e revela que também esta criança tem consciência de que existe uma figura de autoridade que regula os comportamentos e que a ajuda a distinguir o que está certo ou errado partilhando os seus conhecimentos.

Por fim, ainda se destaca a importância que é dada à figura do pai, pois apesar de ter referido a mãe, durante todas as ações da história quem está presente é o pai; e a noção que tem de que quando se mexe nas coisas de outra pessoa sem se pedir autorização, estamos a agir erradamente e podemos estragar algo que a outra pessoa muito gostava. Com a análise feita à tabela dos principais tópicos da história da Matilde conseguimos destacar alguns aspetos que se interligam com as suas vivências pessoais, aspetos esses que nos ajudam a entender melhor o comportamento da Matilde.

1.6.2. Desenho ilustrativo da história da Matilde



Imagem 20 - Desenho da Matilde

A Matilde não mostrou qualquer resistência em desenhar, destacando-se, pelo contrário, a sua vontade de participar e de colaborar.

No que respeita a alguns dos aspetos formais, que destaquei antes no enquadramento conceptual, podemos ver que a posição do desenho na folha se encontra na horizontal, de acordo com a imagem observada na gravura que lhe foi mostrada para contar a história e que o desenho se localiza no canto inferior esquerdo. As figuras foram representadas de frente, na posição vertical, e foram executadas da esquerda para a direita e de cima para baixo, respeitando o modo de escrita. Destaca-se também a

predominância dos vários tipos de linhas, a existência de linhas curvas que tornam o desenho mais harmonioso e linhas retas com ângulos marcados mais agressivas.

De um modo geral, os detalhes do desenho enquadram-se na fase do realismo intencional de Luquet (1979); Destacando-se, a existência de perspectiva, no desenho, que é mais comum nas crianças com sete anos, esta perspectiva está presente na mesa e é vista de cima, destacando-se ainda a transparência dos objetos que permite ver através do objeto o que está por detrás. A Matilde de acordo com as etapas Lowenfeld (1997) em que as crianças da sua idade estão na fase pré-esquemática; no entanto, é de notar que se destaca de algum modo das crianças do seu nível etário, pois na sua figura já se pode identificar o tronco que está diferenciado das pernas e da cabeça.

As cores utilizadas no desenho são cores escuras. No desenho, constata-se a predominância do uso da cor vermelho, o que poderá traduzir alguma imaturidade, uma vez que é a cor preferencialmente utilizada pelas crianças muito jovens, todavia não se pode deixar de destacar que esta criança em outros trabalhos desenvolvidos utilizava as mais diversas cores sempre com muita harmonia, nunca se limitando a uma só cor. São também usadas o laranja, o azul-escuro, cinzento, rosa, verde, azul-claro e o castanho, sendo a Matilde uma das crianças que utilizou mais cores.

No que concerne ao papel ilustrativo do desenho relativamente à história, a Matilde desenhou as características das personagens de acordo com a história contada. Por exemplo, referiu na história que um dos meninos tinha um babete e desenhou de acordo com a história, contudo as cores das roupas não coincidem com a sua história.

É possível observar algumas outras particularidades interessantes, como a inexistência dos pés nas crianças, que, se deve provavelmente à influência da imagem observada em que as crianças estavam sentadas à mesa e não se viam os pés, contudo a figura adulta tem pés. No entanto, é de referir que as figuras estão incompletas, pois faltam-lhes os pés, o nariz e as mãos. Por outro lado, as pessoas representadas não são muito grandes nem muito pequenas, destacando-se a figura do pai, cujo tamanho é maior, traduzindo talvez um maior significado de que ele se reveste para a criança, tanto mais que é representado com um maior número de detalhes e dado que, na gravura mostrada, ele não é mais do que uma sombra esbatida e ambígua quanto ao sexo da personagem. É também interessante que no desenho a criança parece ter desenhado a figura da mãe, mas se prestarmos atenção à história da Matilde verificamos que o pai vestia um robe, justificando o formato da roupa do pai.

2. Perspetiva conjunta dos dados

2.1 Análise conjunta das histórias

Nome	Idade	Heróis e protagonistas	Cena	Características dos protagonistas	Principais ações	Reação da figura parental às atividades/atitudes das personagens infantis	Punição ou controlo do comportamento indesejável pela figura parental
Mário	5;9	Pai e três meninos	Preparação de uma refeição	São descritas características externas de vestuário, cor de cabelo e de comportamento relativamente às crianças	Autonomia das crianças em relação ao adulto	A autonomia das crianças é apreciada positivamente pela figura parental A figura parental mostra aprovação face à ação dos meninos e ao resultado desta Quando as personagens infantis se portam mal o pai: diz-lhes que parem e/ou fica triste	Tentativa de controlo
Alberto	5;11	Pai e três irmãos	Desfrute de uma refeição	São descritas características externas de vestuário, cor de cabelo e de comportamento	O pai observava os meninos Autonomia das crianças em relação ao adulto	Quando as personagens infantis não comiam ou não ficavam contentes a figura parental não ficava contente	Tentativa de controlo
Gustavo	6;4	Pai e três meninos (dois meninos e uma menina)	Desfrute de uma refeição	São descritas características externas de vestuário e cor de cabelo	Autonomia das crianças em relação ao adulto Os meninos desafiaram a figura parental	Quando as personagens infantis se portam mal o pai ficava triste	Tentativa de controlo
Inês	5;8	Pai do Diogo e três amigos	Desfrute de uma refeição	São descritas características externas de vestuário e cor de cabelo	A figura adulta controla o que os amigos fazem Aprovação ou rejeição das ações da figura adulta	Preocupação da figura adulta com os amigos As figuras infantis necessitam da ajuda do adulto para comerem	Controlo
Maria	6;5	Pai e três meninos	Preparação de uma refeição	São descritas características externas de vestuário, cor de cabelo e de comportamento	Autonomia das crianças em relação ao adulto	A figura parental mostra aprovação face à ação dos meninos e ao resultado desta Quando as personagens infantis se portam mal o pai castigava-as	Controlo
Matilde	6;6	Pai e três meninos	Desfrute de uma refeição	São descritas características externas de vestuário, cor de cabelo e de comportamento relativamente a uma das crianças	A figura parental controla os meninos As figuras parentais recompensam os meninos por se portarem bem	A figura parental mostra aprovação face à ação dos meninos e ao resultado desta	Controlo

Tabela 8 - Análise conjunta das histórias

Com a leitura da tabela 8, relativa às histórias das crianças em estudo, e confrontando os dados obtidos com os referidos no estudo de Bellak e Bellak (1969), podemos destacar vários aspetos interessantes, como por exemplo: nos protagonistas é interessante que todas as crianças referiram que a figura adulta presente na história é o pai, dado curioso que se opõe ao estudo de Bellak e Bellak (1969) em que a figura adulta era maioritariamente a mãe; as figuras infantis são mencionadas várias vezes na história em conjunto, como sendo os três amigos, os três irmãos ou os três meninos; Bellak e Bellak (1969, p. 102) afirmam que esta “referência às três figuras em conjunto constitui por si uma norma”, e que, em geral, são identificados como sendo do mesmo sexo. Curioso é o facto de o Gustavo ter atribuído o sexo feminino a uma das figuras infantis, aspeto que se compararmos com o estudo de Bellak, em que todas as figuras infantis são apontadas como sendo do sexo masculino, se distingue.

Relativamente à cena que está a decorrer na gravura, todas as crianças referem uma refeição, dizendo umas que a estão a preparar e outras que estão a disfrutar dela talvez por a imagem que observaram ao contar a história representar figuras que estão sentadas à mesa; três crianças dizem na história que as figuras infantis estão a comer e duas referem-se às colheres e babetes das figuras que estão à mesa, sendo esta referência comum nas crianças com mais de sete anos, como pude ler nos livros de alguns autores; é interessante que todas as crianças descreveram as características físicas externas individuais de cada personagem e descreveram os seus comportamentos apesar de duas não o terem feito; note-se que, segundo Silva (1982), estas características se enquadram nas narrativas típicas das crianças com 6 anos de idade;

Por outro lado se falarmos das ações de cada história, verificamos que, na sua maioria, as crianças falaram da autonomia das crianças em relação à figura adulta, sendo esta escolha muito comum nas crianças desta idade, pois como já referi anteriormente as crianças em idade pré-escolar encontram-se na fase em que estão e desenvolver a sua autonomia, tanto com a ajuda da educadora e dos auxiliares de ação educativa como da família, é por isso natural que queiram exhibir-se como seres autónomos que já não precisam da ajuda do adulto para tudo.

Destaca-se também nas ações a recompensa às crianças por se portarem bem; de facto, é muito importante reforçar este aspeto, como já referi anteriormente para que de alguma maneira se possa alertar aos pais e educadores do erro que podemos estar a cometer ao aliciarmos as crianças com recompensas para que estas cumpram algumas exigências que habitualmente lhes fazemos. Este tipo de atitude por parte do educador e

do educando não irá ajudar a criança a aprender mas apenas irá ensiná-la a ter uma atitude conformista face ao que pensa que o adulto pretende, em que não é necessário tomar decisões, apenas obedecer, para mais tarde receber o seu prémio.

No que concerne à reação da figura parental relativamente às atividades/attitudes das personagens infantis, destaca-se a História da Inês que foi a única que não atribuiu muita autonomia às figuras infantis, referindo que estas necessitavam dos pais para as ajudar a comer; é de realçar também o facto de todas as crianças terem dito que quando as crianças se portavam mal a figura adulta ficava triste, ação esta que, no meu entender, se interliga com as vivências que a educadora lhes proporciona pois quando eles se portavam mal, esta destacava mais o ter ficado triste por eles não perceberem que podem prejudicar os outros, do que aborrecida ou zangada com eles. Em termos de controlo ou punição do comportamento indesejável das crianças por parte da figura adulta, note-se que cinco das crianças lhe fazem referência.

Considerarei importante fazer uma análise comparativa entre os dados do meu estudo e os do estudo de Bellak e Bellak (1969). Destacam-se alguns aspetos interessantes nomeadamente que: a) os temas gerais não coincidem; b) a figura adulta é vista pelos protagonistas do estudo como sendo o pai e nos sujeitos do estudo de Bellak mais frequentemente como a mãe; c) tal como no estudo do Bellak, a figura do adulto é vista como sendo mais velha; d) as ações das figuras infantis coincidem nos dois estudos pois, reportando-se a brincadeiras e comportamentos; e) a reprimenda da figura adulta, em relação às figuras infantis, também é referida pelos sujeitos dos dois estudos; d) por fim, destaca-se o facto de seis dos protagonistas do estudo terem referido que as figuras infantis ajudavam o adulto e no teste de Bellak nenhuma o ter feito.

2.2. Análises conjuntas dos desenhos ilustrativos das histórias

Após a descrição de cada história e do respetivo desenho de cada criança e para que fosse possível comparar adequadamente os dados recolhidos dos desenhos elaborados pelas seis crianças acerca da história contada, foram elaboradas duas tabelas conjuntas a dos aspetos gerais dos desenhos tabela 9 e a dos aspetos do desenho da figura humana tabela 10, as quais facilitaram a comparação, e que passaremos a interpretar de seguida cada uma delas.

2.2.1. Análise conjunta dos aspetos gerais do desenho

Na tabela 9 foi feita uma análise conjunta dos aspetos gerais dos desenhos dos sujeitos do estudo.







Nome	Idade	Posição do desenho na folha	Localização na folha	Tamanho do desenho	Cores	Tipos de linha	Formas
Mário	5;9	Horizontal	Canto inferior esquerdo	Médio		Linhas retas com ângulos e linhas curvas Linha média Traço contínuo	Retângulos e círculos
Alberto	5;11	Horizontal	Metade inferior da folha	Médio, com grande destaque nas figuras humanas		Maioritariamente linhas curvas e poucas linhas retas Linha média Traço contínuo	Formas irregulares
Gustavo	6;4	Horizontal	Canto inferior esquerdo	Médio		Linhas retas com ângulos e linhas curvas Linha média Traço contínuo	Retângulos, círculos e formas irregulares
Inês	5;8	Horizontal	Canto inferior direito	Médio		Linhas retas com ângulos e linhas curvas Linha média Traço contínuo	Círculos e triângulos
Maria	6;5	Horizontal	Centro	As figuras das crianças estão muito pequenas em relação à figura do adulto		Linhas retas com ângulos Linha média Traço contínuo	Retângulos, círculos e triângulos
Matilde	6;6	Horizontal	Canto inferior esquerdo	Médio		Linhas retas com ângulos e linhas curvas Linha média Traço contínuo	Retângulos e círculos

Tabela 9 – Aspectos gerais dos desenhos

Ao analisar a tabela anterior, é possível verificar alguns aspetos comuns e outros distintivos presentes nos desenhos destas seis crianças. Além disso, se observarmos a tabela no seu todo, constatamos que as crianças do sexo masculino se distinguem das do feminino e que existem também variações segundo a idade e o sexo.

Primeiramente, observando a tabela globalmente, sem fazer qualquer distinção das crianças de acordo com as suas características individuais, podemos ver aspetos coincidentes em todos os desenhos, como a sua posição na folha - em que todos a colocaram na horizontal apesar de ter sido entregue na mão para não influenciar na escolha da posição -; esta opção pode ter sido influenciada pela imagem observada pelas crianças enquanto contavam a história que estava na horizontal. Outro aspeto observado nos desenhos é o seu tamanho, sendo em quatro desenhos médio e proporcional ao tamanho da folha, num dos desenhos médio (Alberto) mas não dando as mesmas proporções a todos os elementos, apenas destacando as figuras humanas; por seu turno, a Maria ocupa a folha por completo, dando grande destaque à figura do adulto em relação às crianças. No que se refere à localização do desenho na folha, três crianças (Mário, Gustavo e Matilde) utilizaram o canto inferior esquerdo, uma (Alberto) a metade inferior da folha e outra ainda (Maria) o centro.

No que respeita às cores utilizadas nos desenhos e tendo em conta que as crianças tinham à sua disposição quinze cores diferentes, pode afirmar-se que estas não utilizaram muitas cores, sendo a criança que utilizou mais cores a mais velha, a Matilde, - que utilizou oito cores diferentes; o Gustavo, o rapaz mais velho foi aquele que usou menos cores, apenas utilizando quatro. Seguiram-se-lhe o rapaz mais novo (Mário) e a rapariga mais nova (Inês) que apenas utilizaram cinco cores. De um modo geral, as raparigas utilizaram mais cores do que os rapazes. As cores que foram mais utilizadas nos desenhos, aparecendo em cinco dos seis desenhos, foram o vermelho e o azul escuro.

Relativamente aos tipos de linha representados, destacam-se as linhas retas com ângulos e as linhas curvas, sendo apenas o Alberto quem não utilizou ângulos e a Maria quem não utilizou linhas curvas. Todas as crianças utilizaram o traço contínuo. As formas que se destacam principalmente nos desenhos são os retângulos e os círculos. Os retângulos são em geral utilizados para representar o tronco das figuras humanas e os círculos para desenhar as cabeças. Duas crianças também utilizaram os triângulos, uma (Inês) para representar uma saia e outra (Maria) para fazer enfeites decorativos no seu desenho.

2.2.2. Análise dos desenhos da figura humana adulta

Nome	Idade	Cabeça	Cabelos	Olhos	Boca	Nariz	Braços	Pernas	Tronco
Mário	5;9	Sim Formas simples	Sim Compridos	Sim Forma redonda e grande	Sim Forma oval (sorrir)	Sim Traço vertical	Apenas na figura que está de pé	Apenas na figura que está de pé	Apenas na figura que está de pé Forma oval distingue-se da cabeça e das pernas
Alberto	5;11	Sim Formas simples	Não	Sim Representados por pontos (conceito geométrico simples)	Sim Linha horizontal (sem expressão)	Sim Traço vertical	Sim Traço simples	Sim Traços simples	Forma oval Distingue-se da cabeça e das pernas
Gustavo	6;4	Sim Formas simples Não completou	Não	Sim Representados por pontos (conceito geométrico simples)	Sim Forma oval (sorrir)	Não	Sim	Sim	Forma retangular Distingue-se da cabeça e das pernas
Inês	5;8	Sim Formas simples	Sim Compridos e com cor	Sim Representados por pontos (conceito geométrico simples)	Sim Forma oval (sorrir)	Sim Representado por um ponto	Sim Traço simples	Sim Traços simples	Forma oval Distingue-se da cabeça e das pernas
Maria	6;5	Sim Pormenores presentes (língua, pestanas e sobrancelhas)	Sim Compridos	Sim Com forma de círculos onde está presente a pupila do olho, pestanas e sobrancelhas	Sim Forma oval com o pormenor da língua	Não	Sim	Sim	Forma retangular Distingue-se da cabeça e das pernas
Matilde	6;6	Sim Formas simples	Sim Compridos	Sim Representados por pontos (conceito geométrico simples)	Sim Forma oval (sorrir)	Não	Sim	Apenas na figura que está de pé	Forma retangular Distingue-se da cabeça e das pernas

Tabela 10 – Aspetos do desenho da figura humana

Observando 10 relativa aos aspetos do desenho da figura humana, na qual está também destacado o sexo e a idade das crianças, podemos verificar que, contrariamente ao que sucedia relativamente tabela 1, nesta já não encontramos muitos aspetos comuns em todos os desenhos.

Pode-se observar, num primeiro olhar, que apenas duas crianças desenharam todos os membros, sendo um facto curioso tratar-se das crianças mais novas, a Inês e o Mário, que desenharam todos os membros.

No que concerne à cabeça, todas as crianças a desenharam, com a forma de um círculo, destacando-se a distinção de tamanho atribuído à cabeça do adulto relativamente ao das crianças, maior e mais pequeno, respetivamente. Quatro das seis crianças desenharam os cabelos e representaram-nos compridos, como se pode observar na tabela 2; todas as raparigas desenharam o cabelo e apenas um dos rapazes (Mário) também o fez.

No que respeita aos olhos, destacam-se duas crianças, o Mário que desenhou os olhos das figuras em forma de círculos grandes e a Maria que acrescentou pormenores aos olhos, tais como olhos em forma de noz, com o pormenor das pupilas, das sobrancelhas e das pestanas.

No que concerne à boca, quatro das crianças representaram-na com a forma oval, mostrando a forma de um sorriso, o Alberto desenhou as bocas com a forma de um traço horizontal dando ideia que não tem expressão e a Maria destacou-se por desenhar na boca o pormenor da língua.

Curiosamente, o nariz foi apenas desenhado pelas três crianças mais novas (Inês, Mário e Alberto), os dois rapazes desenharam-no na forma de um traço vertical e a rapariga com a forma de um ponto.

Os braços foram desenhados por todas as crianças, sendo apenas o Alberto e a Inês quem desenhou uma linha simples para os representar. Também estas duas crianças desenharam as pernas de forma linear, contrariamente às restantes crianças. Note-se ainda que a criança mais velha e a mais nova não desenharam pernas às figuras que estão sentadas.

Por último, o tronco também foi desenhado por todas as crianças e em todos conseguimos distinguir o tronco da cabeça e das pernas; as três crianças mais novas (Inês, Mário e Alberto) representam o tronco sob a forma oval e as três mais velhas (Gustavo, Maria e Matilde) sob a forma retangular.

Outros aspetos, que não estão representados na tabela e que também se destacam dos desenhos são o facto de: a) nenhuma criança ter desenhado as orelhas; b) apenas as duas crianças mais velhas (Maria e Matilde) terem desenhado o pescoço; c) a criança mais nova (Inês) ter representado as mãos na figura que desenhou e a criança mais velha ter desenhado as mãos nas figuras que estão à mesa assim como os talheres; d) as mesmas crianças terem representado os pés, a mais novas sob a forma de traços horizontais e a mais velha sob forma de bota; e) cinco crianças desenharem a roupa das figuras, sendo o rapaz mais novo o único que não a representou e tendo outros dois apenas dado cor à forma das figuras e tendo as raparigas acrescentado pormenores às roupas: a mais nova, a Inês, desenhou uma saia amarela em forma de triângulo que se destaca bastante do desenho, a Maria destacou a figura adulta desenhando-lhe um fato preto com um gravata bastante alegre e, por fim, a Matilde, desenhou um vestido à figura do adulto e nas crianças dois babetes e um lenço bastante coloridos.

2.3. Análise dos aspetos gerais da figura humana adulta dos desenhos das crianças do estudo, de acordo com o teste de Florence Goodenough (1957)

Para a análise da figura humana segundo o quadro de Goodenough considerei que seria mais interessante analisar apenas as figuras do adulto, presentes nos desenhos dos sujeitos em estudo, pois esta foi a figura que todos desenharam de pé e de modo completo e a que deram mais destaque aos detalhes.

Após a análise de cada figura adulta das seis crianças estudadas elaborou-se o quadro que se segue.

Ao analisar o quadro apresentado é possível concluir vários aspetos sobre a representação da figura humana deste grupo.

Em primeiro lugar, destaca-se o facto de todas as crianças terem desenhado a cabeça, as pernas, os braços, o tronco, os olhos, a boca, com uma boa coordenação do desenho do contorno geral e da cabeça. Note-se que nem todas as crianças em idade pré-escolar desenharam estes pormenores todos.

Outros detalhes interessantes são que apenas uma criança do sexo feminino desenhou a pupila do olho, a proporção e a posição do olhar dos olhos corretas; Nenhuma criança desenhou as mãos e apenas duas crianças do sexo feminino – simultaneamente a mais nova e a mais velha do grupo – desenharam os pés.

	Nomes	Mário	Alberto	Gustavo	Inês	Maria	Matilde
	Idades	5;9	5;11	6;4	5;8	6;5	6;6
Nº	Itens	Masculino	Masculino	Masculino	Feminino	Feminino	Feminino
1	Presença da cabeça	X	X	X	X	X	X
2	Presença das pernas	X	X	X	X	X	X
3	Presença dos braços	X	X	X	X	X	X
4	Presença do tronco	X	X	X	X	X	X
5	Altura do tronco superior à largura		X	X	X	X	X
6	Ombros nitidamente indicados			X	X	X	
7	Braços e pernas ligados a qualquer lugar do tronco	X	X				
8	Braços e pernas corretamente ligados ao tronco			X	X	X	X
9	Presença do pescoço					X	X
10	Contorno do pescoço					X	X
11	Presença dos olhos	X	X	X	X	X	X
12	Presença do nariz	X	X		X		
13	Presença da boca	X	X	X	X	X	X
14	Presença e nariz representados a duas dimensões						
15	Presença das narinas						
16	Presença de cabelos	X			X	X	X
17	Cabelos bem colocados dentro da cabeça						
18	Presença de vestuário			X	X	X	X
19	Presença de duas peças de vestuário (chapéu e calças, por exemplo)			X	X	X	
20	Desenho completo do vestuário			X	X	X	
21	4 Peças de vestuário nitidamente representadas						
22	Vestuário completo						
23	Presença dos dedos						
24	Número dos dedos correto						
25	Detalhes dos dedos corretos						
26	Oponibilidade do polegar						
27	Mão distinta dos dedos e dos braços						
28	Ligação/ articulação dos braços correta						
29	Ligação/ articulação das pernas correta						
30	Proporção da cabeça correta		X	X	X		
31	Proporção dos braços correta	X	X	X	X	X	
32	Proporção das pernas correta	X	X	X	X		
33	Proporção dos pés correta	X			X		X
34	Braços e pernas representados a duas dimensões						
35	Presença do calcanhar				X		X
36	Boa coordenação do desenho do contorno geral	X	X	X	X	X	X
37	Boa coordenação do desenho das articulações			X	X	X	X
38	Boa coordenação do desenho da cabeça	X	X	X	X	X	X
39	Boa coordenação do desenho do tronco			X	X	X	X
40	Boa coordenação do desenho dos braços e das pernas						
41	Boa coordenação do desenho das partes da cabeça						
42	Presença das orelhas						
43	Proporção das orelhas correta						
44	Detalhes dos olhos						
45	Presença de pupila					X	
46	Proporção do olho correta					X	
47	Posição do olhar					X	
48	Presença do queixo e da testa						
49	Relevo do queixo						
50	Perfil						
51	Silhueta						
	Total	14	14	19	23	22	18

Quadro 5- Teste da Figura Humana de Florence Goodenough (1957)

Relativamente ao vestuário, apenas três crianças o desenharam completo, com a presença de duas peças de roupa;

Quanto à proporção da cabeça e dos pés, apenas três crianças conseguiram desenhar com o tamanho proporcional ao resto do corpo; e na proporção dos braços e das pernas a maioria das crianças desenhou corretamente, destacando-se apenas a criança mais velha por ter sido a única que não desenhou a proporção dos braços correta.

A boa coordenação do desenho do tronco e das articulações também está presente nos desenhos de quatro crianças distintas, bem como a ligação correta dos braços e das pernas ao tronco, assim como a presença do vestuário.

Por fim, destaca-se o facto de apenas duas crianças terem desenhado os calcanhares, o pescoço e o contorno do pescoço, elementos que aparecem com mais frequência em crianças a partir dos 7 anos de idade.

Em suma, se olharmos para a soma dos elementos desenhados por cada criança, podemos destacar o facto de ter sido a criança mais nova quem desenhou mais elementos da figura humana. Outro aspeto é o facto deste grupo ter desenhado a maioria dos elementos sem terem sido incitados a isso, talvez por serem muito estimuladas e com suas capacidades para o desenho muito bem desenvolvidas.

3. Interpretação dos dados de acordo com as questões de pesquisa

Após a análise e investigação dos dados recolhidos é necessário fazer uma análise crítica que permita perceber de que modo a investigação conseguiu dar resposta às questões de pesquisa apresentadas na metodologia.

Por conseguinte, em seguida, serão apresentadas as questões de pesquisa e a síntese dos aspetos que nos permitiram responder às mesmas.

- **Será que as histórias, que as crianças estudadas nos contam, se inserem no que é habitual dada a sua faixa etária?**

Para dar resposta a esta questão destacam-se dois aspetos. Por um lado, podemos ressaltar os pontos comuns existentes nas histórias dos sujeitos do meu estudo e nas histórias dos sujeitos do estudo de Bellak e Bellak (1969) que se encontram na mesma faixa etária. A este propósito, verificou-se que, quanto aos temas gerais não coincidem; assim, a figura é vista pelos protagonistas deste estudo como sendo o pai e

nos sujeitos do estudo de Bellak é mais frequentemente visto com sendo a mãe. Por outro lado, congruentemente com o estudo do Bellak, a figura do adulto é vista como sendo a mais velha; as ações das figuras infantis coincidem, pois tal como no estudo de Bellak, reportam-se a brincadeiras e a comportamentos; também a reprimenda da figura adulta, em relação aos comportamentos das figuras infantis, é referida pelos sujeitos dos dois estudos. Por fim, destaca-se o facto de seis dos protagonistas deste estudo terem referido que as figuras infantis ajudavam o adulto e no teste de Bellak nenhuma o ter feito.

Por outro lado, se tivermos em conta que as características gerais das histórias das crianças entre os 5 e os 6 anos de idade são: “histórias são curtas, de conteúdo limitado, estereotipadas; enumeração e descrição frequentes; respostas de lugar-comum; temas de contos de fadas; finais vagos ou ausentes; diminuta expressão de necessidade ou emoções” (Silva, 1982, p. 54), verificamos que as características gerais dos desenhos do grupo deste estudo se assemelham às das crianças do seu nível etário.

• Será que os temas das histórias e dos desenhos traduzem as vivências pessoais das crianças?

É também uma questão muito interessante a que conseguimos, mais uma vez, dar resposta através dos dados recolhidos. Se olharmos para o tema das histórias, conseguimos perceber que todas as histórias das crianças giram em torno da preparação ou do desfrutar de uma refeição, tema este influenciado pela imagem que tiveram de observar para depois contar a história. Porém, o desenvolver das histórias é diferente em todas: umas crianças destacam a carência da figura do pai, outras a necessidade de se afirmarem e de serem autónomas, outras ainda mencionam o controlo por parte da figura adulta e também outras referem-se a experiências com os irmãos.

De um modo geral, pode-se observar na interpretação das histórias o cunho pessoal que cada criança deu à mesma. Por exemplo, a Matilde referiu na sua história que o Artur, o filho mais novo, era o que se portava melhor porque as crianças mais novas portam-se melhor que as mais velhas. Ora é curioso ligarmos este aspeto da história ao facto de que a Matilde, que tem uma irmã mais velha, no decorrer do estágio, em conversas informais, ter referido que a sua irmã mais velha se porta pior do que ela em casa; por outro lado, diz também que as figuras parentais ficam muito contentes por ser o filho mais novo que se porta melhor. Ora, a Matilde neste aspeto pode estar a

referir-se ao facto de muitas vezes os adultos, principalmente os pais, elogiarem os mais novos por se portarem melhor do que os mais velhos, pois os mais velhos já adquiriram mais competências que os mais novos e já deviam ter mais consciência de que as suas atitudes poderem prejudicar os outros, para além de terem maior autocontrolo.

• **Será que aspetos interpretativos do desenho ligados com situações problemáticas (omissões, negrito, linhas, posição da folha, tamanho do desenho) são confirmados por conteúdos das histórias mais problemáticas?**

Saber utilizar o desenho da criança para a conhecer exige não só fundamentos sobre áreas como as que temos vindo a referir, como requer experiência por parte da educadora sobre o modo como habitualmente as crianças desenhavam e sobre aquilo que deve inquietar-nos ou que traduz apenas algum desfasamento em termos do seu desenvolvimento. Por conseguinte, para se conseguir interpretar os desenhos, é fulcral ter em conta os sinais individuais e os sinais comuns existentes que aproximam o desenho de uma dada criança do que é típico na maior parte das crianças da sua idade.

Para conseguir perceber que os aspetos interpretativos podem ser vistos nos desenhos das crianças pode-se observar, na análise dos desenhos das crianças em estudo, alguns aspetos que merecem maior atenção, como o facto de desenharem a figura do pai com proporções muito maiores que as restantes figuras, podendo este destaque traduzir talvez um maior significado de que ele se reveste para a criança, tanto mais que a maioria o representou, com maior número de detalhes na gravura mostrada, onde ele não é mais do que uma sombra esbatida e ambígua nomeadamente no que diz respeito ao sexo da personagem.

• **Será que nas suas histórias as crianças refletem valores privilegiados ou atitudes educativas predominantes no contexto de jardim de infância?**

Com a sistematização e a análise dos dados recolhidos acerca das histórias das crianças consegue-se dar resposta a esta questão. Retiram-se três aspetos referidos nas histórias que espelham as vivências e as aprendizagens das crianças no contexto pré-escolar. Em primeiro lugar, o facto da figura adulta se impor ou ficar triste quando os meninos se portam mal permite-nos ter a percepção de que estas crianças têm consciência de que quando uma criança se porta mal, os adultos pedem-lhe para parar e que ficam tristes em consequência dos seus atos. Para conseguir fazer corresponder essa ligação

com as experiências pessoais da criança reportei-me à minha prática, em que observei que a educadora, para tentar controlar os comportamentos das crianças, procurava sempre que percebessem que ela não tinha ficado zangada, mas triste por eles não conseguirem compreender que o que estavam a fazer podia prejudicar os outros.

A autonomia das crianças em relação ao adulto e a forma como a figura adulta aprecia e aprova essa autonomia é referida por todas as crianças. Mais uma vez, estas refletem as suas aprendizagens adquiridas com a educadora e o facto de esta dar grande valor à sua autonomia. Reforça-se assim a ideia de que o educador deve tentar desde cedo desenvolver a autonomia das crianças, usando estratégias educativas formativas, de modo a ajudar a formar sujeitos autónomos e responsáveis pelos seus atos.

Por fim, outro aspeto que também nos ajuda a dar resposta à questão de pesquisa, é o controlo da figura adulta em relação às ações das crianças, que nos remete para o conceito de autoridade. A este propósito, é necessário voltar a referir que no decorrer da minha prática, um aspeto que a educadora tentou sempre transmitir foi que existe uma figura de autoridade que regula os comportamentos e que ajuda a distinguir o que está certo do que está errado. Se ligarmos isto com a importância que a educadora dava à autonomia das crianças, destacamos o facto de esta criança refletir também as aprendizagens adquiridas. É de realçar que o conceito de autonomia e autoridade foi bem adquirido por este grupo, pois através das histórias, mostram que têm noção que vivem num meio com limitações impostas pela sociedade, onde existe uma figura de autoridade, que impõe certas normas e que ajuda a regular os seus comportamentos.

Considerações finais

Com o decorrer da formação inicial e durante o meu estágio, conducente à obtenção do grau de mestre e à minha profissionalização como educadora de infância, surgiram diversas interrogações a que queria dar resposta. Muitas foram essas questões que me levaram a refletir durante o meu percurso e que, sem dúvida, tiveram influência na escolha do tema para o relatório final. Delas surgiram diversos temas que despertaram o meu interesse, temas esses que passam por explorar a motricidade, a arte e o desenho infantil na educação pré-escolar.

Tendo em conta que o desenho infantil se encontra muito presente, não só na educação pré-escolar mas também no quotidiano das crianças, surgiu-me assim a necessidade de aprofundar a importância que o desenho pode ter para um educador de maneira a ajudar a compreender os problemas da esfera emocional que as crianças muitas vezes não conseguem transmitir através da sua linguagem oral. Para dar resposta a esta minha necessidade foi-me necessário aprofundar algumas temáticas, para além da principal nomeadamente levando-me a informar sobre os testes projetivos adequados a este nível etário.

Para iniciar a investigação criei duas questões de pesquisa, às quais tentei dar resposta. Essas questões passam por saber qual a importância do desenho para a educadora de infância enquanto instrumento que permite aceder aos principais problemas da esfera emocional; e quais os principais aspetos formais e informais que permitem avaliar os desenhos e as histórias das crianças de maneira a ter uma perspetiva dos principais problemas da esfera emocional que a criança transmite.

Para dar resposta às questões de pesquisa iniciei uma breve contextualização da instituição e do meio envolvente onde decorreu a investigação; em seguida procurei fazer uma reflexão sobre os pressupostos teóricos de alguns autores para poder dar resposta às questões que coloquei, bem como para sistematizar o meu pensamento; por último fiz a aplicação dos instrumentos escolhidos, tendo necessitado da participação de três crianças de cada um dos sexos e da elaboração de grelhas de sistematização e de interpretação dos dados. Note-se que, no decurso da aplicação dos instrumentos que escolhi para recolher os dados, no decurso da investigação, algumas particularidades do percurso permitiram-me perceber que as questões de pesquisa necessitavam de sofrer algumas adequações e ser melhor precisadas.

Considero importante a contextualização do ambiente educativo, pois a criança sofre no seu dia a dia uma grande influência dos contextos, uma vez que estes exercem uma influência na ativação do potencial de desenvolvimento. É neste ambiente que realiza atividades, estabelece relações interpessoais e que desenvolve o equilíbrio de poder e as relações afetivas. É importante ter em conta estes fatores porque a criança na sua resposta aos testes projetivos traduz muitas vezes percepções que assumem significado e são muitas vezes influenciadas pelo que a rodeia, pelos estereótipos sociais, entre outros aspetos relevantes.

Para responder às minhas questões recorri a fontes bibliográficas que me ajudaram a compreender melhor a temática em estudo e me deram acesso a algumas investigações afins que já existem em torno deste assunto.

Após um longo estudo sobre o tema através da teoria já existente, iniciei um processo de recolha de dados que me ajudasse a dar resposta às minhas questões de pesquisa. Assim em conversa com a minha orientadora surgiu a ideia da utilização de uma imagem de um teste projetivo adequado a crianças a partir dos 3 anos que permite constatar os aspetos íntimos da personalidade que a criança revela, involuntariamente, através da interpretação de imagens, mediante a criação de uma história, parecendo-me interessante associá-lo à problemática do desenho infantil.

Após ter feito a recolha de dados e para finalizar fiz uma análise geral dos resultados obtidos pelas seis crianças estudadas o que me permitiu responder às minhas questões de pesquisa, pondo-as em referência com os dados de investigação e a teoria.

Resultados do estudo

Para a realização do estudo necessitei da colaboração de seis crianças. Estas na data do estudo tinham idades compreendidas entre os 5 anos e os 6 anos e 6 meses de idade. As suas necessidades individuais eram muito distintas e a realidade de cada uma também era muito diferente entre si.

Começo por referir a importância que um educador de infância tem sobre as crianças em idade pré-escolar, pois considero que este deve tentar estar atento ao mais ínfimo pormenor que a criança possa transmitir; deste modo, todos os métodos que o educador possa usar para poder ajudar, estar mais perto, compreender a criança são uma mais-valia para as mesmas.

Assim, o teste de apercepção temática de que foi utilizada uma gravura, pareceu-me poder inspirar instrumentos simples que podem ser elaborados e utilizados por qualquer educador, não para dar respostas concretas a nível de um psicólogo mas para elucidar o educador acerca de aspetos do foro emocional que a criança transmite através de outras formas de comunicação que não seja a linguagem verbal oral. Muitas vezes, as crianças que têm problemas emocionais mais profundos não conseguem partilhar. Assim se o educador tiver um olhar atento sobre a criança, pode encontrar sinais que possam vir a ser fulcrais na ajuda da mesma.

A aplicação prática do teste escolhido veio dar ênfase à teoria e às constatações práticas obtidas durante o estágio, na medida em que através do conhecimento das características individuais adquiridas anteriormente, pude verificar que estas estavam coerentes com as características formais apresentado na fundamentação teórica, assim como com a realidade da intervenção educativa em que pude ao longo do último ano participar. Posso afirmar que esta minha utilização do teste projetivo e do desenho que a este propósito recolhi mostrou que este modo de abordagem pode ser uma mais-valia para os educadores ajudando a compreender melhor as crianças

Os resultados obtidos demonstram também a importância que o desenho infantil pode ter para o educador e para as crianças, na medida em que se pode compreender aspetos íntimos das crianças que não nos transmitem ou que não conseguimos detetar de outro modo.

Contributos do estudo em termos pessoais e profissionais

Muitas foram as etapas que tivemos de alcançar no decorrer do curso, mas sem dúvida a mais importante delas foi a do estágio, em que foram superadas todas as expectativas. Por isso, foi com muito gosto que realizei o meu estudo no jardim de infância em que realizei a minha prática, junto das crianças e da educadora cooperante com que já tinha uma grande ligação e que me proporcionaram as condições adequadas para a realização da minha pesquisa.

Com esta investigação pude observar que existem métodos simples que nos podem ajudar a perceber melhor as crianças, a compreender que nos seus desenhos espelham as suas vivências pessoais e que é necessário dar uma maior atenção aquilo que as crianças nos possam transmitir.

Como futura educadora reforço a ideia de que estes profissionais “devem (...) esforçar-se por encontrar os seus modos próprios de intervir, dado que,

independentemente do que saibam sobre o ensino, os alunos, os conteúdos ou as estratégias de aprendizagem, têm de actuar contextualizando, conciliando a reflexão crítica e a acção, guiados, sobretudo, pelos seus julgamentos intuitivos, processo esse sempre inacabado e que vai evoluindo ao longo do tempo. (...) [É] de fundamental importância que os psicólogos desenvolvam teorias que permitam ajudar a compreender os contextos, (...) revelantes para a situação educativa” (Simões, H. e Simões, C. (1999), p.9).

Cresci muito como educadora e aprendi a dar valor aos mais diversos métodos que podemos utilizar com as crianças. Desta forma, como futura profissional de educação procurarei manter-me em constante aprendizagem, com o intuito de acompanhar o desenvolvimento da sociedade, adquirindo meios para tornar o processo educacional mais significativo.

Face a todas as experiências vividas, hoje posso afirmar que aprendi, aprendo e aprenderei sempre muito com meus professores e colegas, contudo sei que aprenderei ainda mais com as crianças. Pelo simples facto de que todos nós somos fontes de conhecimento e de saberes adquiridos ao longo de toda a nossa vida, em momentos como: o convívio com família, com a comunidade, com os amigos, com os inimigos e principalmente com o mundo do trabalho.

Referências Bibliográficas

Referências literárias

Bellak, L. e Bellak, S. (1969). Manual for the Supplement to the Children's Apperception Test (C.A.T.-S.). New York: C.P.S.

Bogdan, R. e Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto Editora: Porto.

Ferland, F. (2006). *O desenvolvimento da criança no dia a dia. Do berço até à escola primária* (R. Rocha, Trad.). Lisboa: Climepsi Editores. (Obra original publicada em 2004).

Formosinho, J. (1998). *Mem – Trinta anos de resistência numa cultura burocrática*. Porto: Porto Editora.

Freeman, F. (1990). *Teoria e Prática dos Testes Psicológicos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Goodenough, F. (1926). Measurement of intelligence by drawings. New York: Harcourt, Brace & World.

Goodenough, F. (1957). *L'intelligence d'après le dessin – le test du bonhomme*. Paris: P.U.F.

Goodnow, J. (1977). *Desenho de Criança*. Póvoa de Varzim: Empresa Norte Editora.

Harris, D.B. (1963). Children's Drawings as measures of intellectual maturity. New York: Harcourt, Brace & World.

Haworth, M.R. e Murray, H. A. (1986). Children's apperception Test. In A.I. Rabin (ed.), *Projective Technique for adolescents and children*. New York: Springer, 37-72.

Kamii, C. (1991). *A criança e o número: Implicações educacionais da teoria de Piaget para a atuação junto a escolares de 4 a 6 anos* (Trad. Regina A. De Assis). Campinas: Papirus. (original publicado em 1982).

Kolck, O. (1984). *Testes Projectivos Gráficos no Diagnóstico Psicológico*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.

Kroon, N., Goudena, P.P. & Rispens, J. (1998). *The-matic Apperception Tests for child and adolescent as-of Psychoeducational Assessment*, 16, 99-117.

Lowenfeld, V. & Brittain, W.(1997). *Desenvolvimento da capacidade criadora*. São Paulo: Editora Mestre Jou.

Luquet, G. (1979). *O desenho Infantil*. Porto: Livraria Civilização.

Ministério da Educação. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Departamento de Educação Básica.

Morgan, C.D. e Murray, H.A. (1935). *A Method for Investigating Phantasies: The thematic apperception test*. *Archives of neurology and psychiatry*, 34, 289-306.

Nucci, L. P., Killen, M., & Smetana, J. G. (1996). Autonomy and the Personal: Negotiation and Social Reciprocity in Adult-Child Social Exchanges. In M. Killen (Ed.), *Children's Autonomy, Social Competence and Interactions with Adults and Other Children: Exploring Connections and Consequences* (pp. 7-24). New York: Jossey-Bass.

Reynolds, C. e Kamphaus, R. (2003). *Handbook of Psychological & Educational assessment of children: personality, behavior, and context*. 2ª Edição. New York: The Guilford Press.

Schilder, P. (1958). *Imagem y Aparência del Cuerpo Humano*. Trad. Loedel, E. Buenos Aires: Paidós.

Silva, D. (1982). *O teste de apercepção para crianças (figuras humanas) - CAT-H. Um estudo de normas*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.

Simões, C e Simões, H. (1999). *Contextos de desenvolvimento e teorias psicológicas*. Porto: Porto Editora.

Vinha, T. (1998). *Sala de aula: espaço de construção da autonomia moral*. Belo Horizonte: Dois pontos. Volume 4.

Referências digitais

Castro, E (2009). *Considerações Sobre a Prática Pedagógica*. Acedido a 13 de Fevereiro, 2011, em <http://www.artigos.com/artigos/humanas/educacao/educador-x-educacao:-consideracoes-sobre-a-pratica-pedagogica-150/artigo/>.

Real Colégio (2011). Acedido a 13 de Julho, 2011, em <http://www.realcolégio.pt/index.php/creche/35-salas-dos-2-anos--introducao>.

Silva, M. (2009). *Comportamentos de autonomia - Nos anos pré-escolares na transição para a escolaridade obrigatória*. Acedido a 10 de fevereiro, 2012, em http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2143/1/22269_ulp034848_tm.pdf.

Wikipédia (2011). *O que é a Educação*. Acedido a 13 de Fevereiro, 2011, em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Educação](http://pt.wikipedia.org/wiki/Educa%C3%A7%C3%A3o).

Outros documentos

Projeto Educativo do Jardim do Infância, 2010/2012.

Projeto Curricular de Grupo, 2010/2011.